

QUEIJO MINAS É UM TESOURO À MESA

No final do ano passado, a Unesco finalmente reconheceu o "modo de fazer Queijo Minas Artesanal" como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Antes, aliás, ainda em 2008, o Iphan já havia dado título semelhante à iguaria, registrada como Bem Imaterial Cultural do Brasil. Mas a verdade é que, no coração do mineiro e para todo apaixonado por bons sabores, nosso típico "queijinho" sempre foi um verdadeiro tesouro a ser protegido em toda boa mesa e em todo abençoado paladar.

Página 4

Cruzeiro Esporte Clube completa 70 anos

"Existe um grande clube na cidade...". E para os torcedores celestes mais apaixonados recomendamos desde já uma pausa por aqui. Porque com todo respeito ao Cruzeiro Esporte Clube belorizontino, a menção desta página tem outra motivação e direção: mais especificamente São Tiago, no interior mineiro, onde um clube fundado em 1955 também se denominou "Cruzeiro" em honra ao bairro onde tem raízes.

Página 6

Fernão Dias também passou por nossas terras

"Segundo conceituados historiadores, dentre eles Diogo de Vasconcelos, a bandeira de Fernão Dias Paes saíra de São Paulo a 21 de julho de 1764 com homens e tropas em trânsito para o sertão das Minas Gerais. Ao atingir o local Ibituruna, na confluência dos rios das Mortes e Grande, ali se estabeleceu à espera da estação chuvosa (...) se preparando durante seis meses para o prosseguimento da árdua jornada. Em Março de 1675, encerrado o ciclo das chuvas, colhidas as safras, abastecida a expedição de viveres e armas, prosseguiu-se a viagem, atravessando-se terras dos atuais municípios de Bom Sucesso, Conceição da Barra, São Tiago e Oliveira (Morro do Ferro) à procura das celeberrimas esmeraldas".

Página 8



Sobre chuweiros elétricos e jabuticabas

"Jabuticaba Brasileira virou sinônimo de coisas exóticas e curiosas que, em tese, só existem no Brasil. O chuweiro elétrico é uma delas. Ele foi inventado pelo engenheiro Francisco Canhos, em Jaú, interior de São Paulo, em 1927. A novidade se popularizou na década de 40 e com mais intensidade a partir de 1952, quando a empresa Lorenzetti iniciou sua produção, tornando o eletrodoméstico um item obrigatório na vida da maioria dos brasileiros. Também existe acessoriamente em poucos países da América do Sul, África e Ásia". Surpreendente, não é? Confira o artigo completo assinado por Fábio Caputo na...

Página 9

Chegou Julho, mês de São Tiago

E aqui, caro leitor, nos referimos ao Padroeiro e à Cidade que leva seu nome - uma referência a Tiago Maior, apóstolo, amigo de Jesus e peregrino em nome da Fé. Nesta edição, aliás, você confere artigo de Marcus Santiago versando sobre a "Festa de Julho". Aguardada e vivida coletivamente, ela une princípios como religiosidade a identidade enquanto traz à tona, também, o simbolismo da própria emancipação política local.

Página 17

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

REFLEXOS DA COLONIZAÇÃO PREPOTENCIA DAS ELITES

A colonização escravista, delitativa portuguesa – sequenciada pela minoria aristocrática e corrosiva que nos rege até os dias atuais – com toda a abundância de recursos naturais, negou à população nativa o acesso à educação libertadora. Desprovidos de visão social, toda a riqueza foi/canalizada para barões, engravatados, encapotados, envernizados, desavergonhados, sobrando às grandes massas a subalternidade, a vassalagem, a cidadania de quinta categoria, quando não adjutórios, quinquilharias, emendas, auxílios de cunho eleitoreiro, como mecanismos de sobrevivência, atenuantes às suas consciências inquisitivas.

Corrompidos por mordomias, privilégios, soberbos salários, imunidades para si mesmo arrogadas e assim ajuizados pelo pedantismo, incensados por bajuladores, o odor do oltamento, do esponjadoouro, parece-lhes aprazível ao olfato moralmente estropiado. O país dos salários escabrosos, das cédulas de presença faraônicas de estatais, corporativismo, do emparelhamento do Estado por grupos políticos e afins. Muitos, ainda que travestidos de honradez, perdem a noção da reputação, da probidade, envolvidos pelas táticas dolosas dos grupos dominantes. Aí estão os saques ao Erário com respaldo legal, sinecuras, penduricalhos de todo jaez.

Diz-se que cada povo tem o governo que merece. Ou seja, que os governantes, quando déspotas, corruptos, refletem a soma dos pensamentos, sentimentos da consciência coletiva. O governo seria, em síntese, a projeção, o reflexo da aura magnética da sociedade. Assim, enquanto não modificarmos nosso íntimo, não nos elevaremos, não teremos governos justos, o que nos exige mudança de padrões mentais, reeducação cívica, sintonia com a consciência elevada, a prática da serenidade, paz interior, mansuetude.

Somos produtos de uma colonização predatória, onde nossas extensas riquezas são usurpadas, até os dias atuais. Ainda não temos, lamentavelmente, um projeto de nação, as elites que nos governam, há séculos, só se preocupam com seus interesses mesquinhos e egoísticos.

Somos, em síntese, um País à procura de si mesmo. A viagem através de nossa identidade durará ainda tempos, gerações, quiçá a encontremos o mais rápido possível. Nossas raízes milenares indígenas, nossas fontes negras, nossos arcanos pré-cabralinos povoam-nos igualmente o solo, miscigenam-nos o sangue, fortalecem nossa nacionalidade e identidade global.

Obras: sugeridas:

“Um defeito de cor” – Ana Maria Gonçalves

“Ponciá” – Conceição Evaristo

“Meu destino é ser onça” – Alberto Mussa

“Sob os tempos do equinócio” – Eduardo Goes Neves

Adivinhas/Charadas

- 1 – Qual a semelhança que há entre a arrumação de uma casa e o samba?
- 2 – O que a areia da praia falou para o mar?
- 3 – O que o nadador faz para bater o recorde?

Respostas: 1 – Em ambas mexemos com as cadeiras;
2 – Deixa de onda; 3 – Nada

Provérbios e Adágios

- Dar a volta por cima.
- De dente no coradouro.
- Deitar nos louros da vitória.
- Desmanchar o nó.
- De noite todos os gatos são pardos.
- Devagar se vai ao longe.

Para refletir

- “A sabedoria está em perceber que todos têm uma história. Ouça mais e julgue menos.”
- “Se você quer mudar o mundo, comece mudando a si mesmo. O verdadeiro poder vem de dentro.”
- “As dificuldades que enfrentamos moldam nosso caráter. Aprenda a encontrar força nas adversidades.”
- “O silêncio é um grande conselheiro. Às vezes, as respostas que buscamos estão no nosso interior.”
- “A vida é feita de escolhas; cada uma delas nos leva a um destino diferente. Escolha sabiamente.”

GOVERNO

Zema reconhece relevante interesse cultural de festas juninas e grupos juninos – Lei foi sancionada nesta quarta-feira

O governador Romeu Zema (Novo) sancionou nesta quarta-feira (11 de junho) a lei que reconhece como de relevante interesse cultural do Estado as festas juninas e os grupos juninos mineiros. A medida foi publicada no Jornal Minas Gerais, o diário oficial do Estado.

A medida foi proposta na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) pela deputada Ana Paula Siqueira (Rede). Ela argumenta que o reconhecimento tem por objetivo valorizar bens, expressões e manifestações culturais dos diferentes grupos formadores da sociedade mineira.

“As festas juninas e os grupos juninos mineiros merecem ser reconhecidos como de relevante interesse cultural do Estado devido à sua profunda importância histórica, social e cultural para a identidade de Minas Gerais. Essas festas possuem raízes centenárias na história do estado, sendo celebradas há gerações e destacando sua relevância e permanência na cultura local. Constituídas como um patrimônio imaterial, as tradições juninas incluem danças, músicas, comidas típicas, trajes e outras práticas culturais que refletem a fusão cultural característica da história mineira, com influências portuguesas e indígenas”, justificou. Para a parlamentar, no âmbito social, as festas juninas promovem a união das comunidades, oferecendo oportunidades para a convivência social e o fortalecimento de laços entre os moradores.

Os bens reconhecidos como de relevante interesse cultural no Estado podem ser objeto de proteção pelo governo por meio de procedimentos administrativos de iniciativa dos órgãos competentes para a execução da política de patrimônio cultural, conforme legislação pertinente. Essa proteção pode se dar por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento, desapropriação e outras formas de acautelamento.



Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.



credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle

Coordenação: Ana Clara de Paula

Redação: João Pinto de Oliveira

Colaboração: IHG – São Tiago

Apoio: Maria Luíza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo

Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)

Nova Diretoria do IHGST toma posse para o triênio 2025–2028

O Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST) realizou, no último dia 30 de maio, a eleição e posse da nova diretoria que conduzirá a instituição no triênio 2025–2028. O momento foi marcado por um ambiente de compromisso e renovação, reafirmando a missão do Instituto na preservação, valorização e difusão da memória e da história são-tiaguense.

Graças ao incansável trabalho do IHGST, fundado também com o propósito de resguardar os patrimônios materiais e imateriais do município, a história local tem sido cuidadosamente registrada, preservada e divulgada para as futuras gerações. Em parceria com o poder público municipal, escolas, pesquisadores, instituições culturais e a comunidade em geral, o Instituto vem cumprindo um papel fundamental no fortalecimento da identidade cultural de São Tiago.

Além da administração do Memorial Santiaguense, o IHGST passou a ser também responsável pela gestão da Biblioteca Pública Municipal “Joaquim Pinto Lara”, ampliando ainda mais sua atuação na preservação e difusão do conhecimento e da cultura local.

A nova diretoria empossada assume com o compromisso de dar continuidade aos projetos em andamento, além de implementar novas ações voltadas ao resgate da memória coletiva, à ampliação do acervo documental e à valorização dos protagonistas da história de São Tiago.

Diretoria eleita para o triênio 2025–2028: Presidente: Maria Elena Caputo de Castro, Vice-presidente: Ana Maria de Campos Lara, 1º Diretor-secretário, bibliotecário e de internet: Marcus Antonio Santiago, 2º Diretor-secretário: Lucas Mateus Raposo Reis, 1ª Diretora-tesoureira: Janete Aparecida Silva Vieira



Costa, 2ª Diretora-tesoureira: Jucimara da Piedade Lara, Diretora de Relações Institucionais: Salima de Carvalho Caputo Fernandes, Conselho Fiscal (Membros Efetivos): Maria da Conceição Silva Mata, Tássio Túlio Mendes Resende, Carlita Maria de Castro e Coelho. Conselho Fiscal (Suplentes): Tiago do Rosário Mendes Santiago, Maria Ilza Mendes de Almeida, Eni Maria de Oliveira.

A atual diretoria agradece à gestão anterior pelo trabalho dedicado e pelos importantes avanços conquistados. Reforça, ainda, a importância da participação ativa e do trabalho em equipe para a continuidade das ações e para o fortalecimento das iniciativas que promovem o sentimento de pertencimento e valorizam a história local. Faz votos de que este novo ciclo seja marcado por ainda mais união, protagonismo e amor pela memória do nosso povo.

Marcus Santiago
IHGST



A EDUCAÇÃO DE SÃO TIAGO SE DESPEDE COM MUITO PESAR DE UMA DE SUAS GRANDES EDUCADORAS

Antonia Maria de Resende, carinhosamente chamada de Preta, iniciou sua trajetória na educação do município em 27/8/1991, naquela época ainda como contratada, trabalhou até a data de 31/1/1993 em alguns povoados rurais, posteriormente firmou novo contrato com a secretaria municipal de educação em 1/2/2000, este, estendido até 31/12/01. Em 3/2/2003 passou a fazer parte do quadro efetivo da educação municipal onde permaneceu até junho de 2025.

Em 01/01/2012 se tornou a vice diretoria do CEI Recanto Feliz, cargo que ocupou por 8 anos. Da Vice direção assumiu a direção da escola em 01/01/2020 ficando por

3 anos à frente da Instituição, quando retornou à sala de aula em 2023 e nela permaneceu até o dia 05 de junho último quando precisou ser internada até seu falecimento em 27 do mesmo mês.

Contudo, seu legado à educação vai muito além dos cargos aos quais exerceu e se dedicou. Uma mulher de princípios morais e éticos, forjada nas dificuldades de um tempo em que a maioria das famílias deveria se dedicar ao trabalho árduo para garantir a sobrevivência, Preta era dessas pessoas que trabalhou até os últimos dias de vida. Não entregava os pontos! Não clamava ou enxergava dificuldade para fazer o que amava. E ela amava a Escola, a Educação!

Prática no modo de agir, era eficiente no que fazia. Prestativa, dedicada e acima de tudo humanizada em sua conduta. daquelas professoras que se sensibilizam com as dificuldades familiares e socioeconômicas dos alunos, ajudou a muitos que passaram em sua vida com discrição e generosidade, de forma silenciosa, sem alarde e sem ostentação.

De índole firme, suas convicções eram sólidas e suas ações sempre pautadas na justiça e nos mais elevados princípios morais. Não mandava recado, dizia o que tinha de ser dito agradando ou não. Era sobretudo uma mulher de ação e não media esforço no agir para realizar. E como realizou!

Só nos resta dizer-lhe obrigada Preta! Missão cumprida!

Preta deixa um vazio na educação de São Tiago e o coração de todos que conviveram com ela já transborda de saudade.

QUEIJO ARTESANAL DE MINAS

Em 2008, o IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional homologou o título de bem cultural de “Fazer o queijo Minas artesanal”, tornando-o um patrimônio imaterial do Estado e do País, potencializando-se e fortalecendo-se, assim, a economia, o turismo e a cultura mineira. “O queijo, este produto de origem milenar, que os exploradores do ouro trouxeram para Minas, é hoje uma das maiores expressões da chamada “mineiridade”, seja como alimento ou como manifestação cultural, está presente no cotidiano e no imaginário de todos os mineiros. Este saber, o modo de produção queijeira, passado de pai para filho, de geração a geração, este conhecimento, garantiu, ao longo dos séculos, a sustentabilidade das famílias, assim como representa também ajuda imprescindível à economia familiar” (Ângela Gutierrez).

Minas Gerais, como se sabe, acumula as mais ricas tradições culturais e gastronômicas, fruto da influência de colonizadores, indígenas e povos afro, formando-se um patrimônio inestimável, merecendo, ademais, contínuos estudos de resgate e valorização. São usos, hábitos, linguajar, coreografias, culinária, técnicas e produtos artesanais típicos, fitoterapia registrados e cultivados, durante séculos, pelos povoadores e produtores locais. A área gastronômica é, indiscutivelmente, um celeiro de experiências e receitas, transmitidas de geração a geração, muitas vezes em cadernos de anotações domésticas amarelecidos pelo tempo (receitas de doces, biscoitos, condimentos, licores, vinhos, cervejas, lácteos em geral).

A produção do queijo artesanal, por sua vez, envolve uma reunião de saberes, práticas, técnicas, modos de fazer, sintetizando um conjunto de experiências, significados, símbolos, reconhecimento da identidade mineira. Há, segundo a EMATER, cerca de 30.000 produtores de queijos em Minas, dos quais 9.000 são produtores de queijo artesanal com produção aproximada de 40.000 toneladas/ano. São dez as principais regiões produtoras do Estado, cujo clima, território, biodiversidade regional, conferem sabores, características e qualidades singulares, bem como diversidade de cores, texturas, sabores ao típico queijo artesanal, conquistando o paladar do público nacional e mesmo estrangeiro.

“Por mais se avance na modernidade e que se aprimorem a tecnologia e os equipamentos, o modo artesanal de fazer o queijo será sempre uma forte referência da melhor tradição mineira. Tradição secular que está no cotidiano do trabalhador das fazendas, aquele que adentra os currais nas madrugadas frias para, da ordenha, extrair o precioso líquido que outras mãos irão transformar. Tradição que está no gesto próprio dos queijeiros, homens e mulheres e nos utensílios

(...) das belíssimas cozinhas mineiras com seu mobiliário rústico e seu rico inventário de cheiros e sabores. Tradição que está no hábito da prosa sem pressa em redor da mesa com o queijo no prato, circulando entre os comensais junto com o bule de café” (Ângela Gutierrez).

Lamentavelmente, o campo, embora seduza, acabou por capturar seus moradores, muitos lançados à própria sorte, sem estradas de acesso, sem telefonia, sem crédito, assistência técnica ante a gritante omissão do Poder Público. O resgate da produção artesanal, como a do queijo, torna-se fonte de renda, de melhoria das condições de vida, de qualificação do produtor, autoestima e quiçá de estímulo à fixação humana, mormente das jovens gerações, no meio rural.

REGIÃO DE CAMPOS DAS VERTENTES

A região de Campo das Vertentes faz-se famosa não só por suas belezas naturais e sua arquitetura barroca, mas também por seu artesanato e culinária típicas, onde se pode apreciar, dentre tantas iguarias, o celebrizado queijo minas artesanal. De todas as regiões mineiras produtoras deste queijo, sem dúvida, a dos Campos das Vertentes é a mais visitada por turistas de todo o mundo e ainda por brasileiros oriundos das capitais e grandes centros urbanos.

A produção do queijo artesanal da região das Vertentes dá-se de forma tradicional, feita por pequenos produtores dos municípios

de Barroso, Carrancas, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Lagoa Dourada, Madre de Deus de Minas, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Padros, Resende Costa, Ritaópolis, Santa Cruz de Minas, São João Del-Rei, São Tiago, Tiradentes. Estes municípios, entrecortados por rios de grandes extensões, dividem, entre si, paisagens de morros, serras e encostas típicas dessa região do Estado, o que faz suas produções agropastoris terem uma identidade e peculiaridade no modo de exploração econômico-social, de flora e fauna, a exemplo da pecuária leiteira, de raízes coloniais, que encontra, nestas paragens, boas condições solo-climáticas para seu desenvolvimento/incremento. A altitude garante um clima sempre fresco à noite no verão e um frio intensificado no período de inverno, propiciando condições e aptidão local específica para o fabrico de queijos especiais.

Região marcada por relevo de planaltos e vales, com altitudes que ultrapassam os 1.500 metros, a exemplo da Serra da Mantiqueira. Clima e vegetação tropical (esta hoje bastante

O queijo artesanal mineiro é símbolo da tradição do Estado, estando em processo (estudos e análises técnicas) de estruturação, regularização, divulgação para fins de reconhecimento pela UNESCO como patrimônio imaterial da humanidade. Compõe a iguaria (queijo) um dos muitos saberes, fazeres e tradições gastronômicas mineiras, um símbolo forte de nossa identidade cultural, nossa mineiridade, transformando Minas em “planeta queijo”. São vários os tipos de queijos produzidos em queijarias do Estado que vem aprimorando a qualidade, bem como a visibilidade mormente pela realização/participação em concursos, feiras nacionais e internacionais.

Algumas regiões, como Canastra e Serro, possuem já certificação e registro de indicação geográfica expedidos pelo INPI-Instituto Nacional de Propriedade Industrial, agregando valor aos produtos, prestigiando os produtores e região, atraindo turistas e maior/melhor comercialização dos produtos (com valor agregado/acima da média)

Por outro lado, regiões como Vertentes e Mantiqueira iniciaram igualmente o processo de certificação, estando em andamento a criação/implantação de associações e entidades do setor, envolvendo produtores, trades turísticos, cadeias negociais etc.

Regiões ou circuitos queijeiros:
Serro – serra da Canastra – serra do Salitre (Alto Paranaíba)



desmatada) com a ocorrência de campos, trechos da Mata Atlântica e ainda cerrado. Grandes rios, bem como centenas de afluentes, nascem e atravessam a região, formando várias bacias hidrográficas de inestimável importância, dentre eles Rio Grande, Rio das Mortes, Rio Pará (Bacia do São Francisco), Rios Piranga e Xopotó (bacia do Rio Doce), Rio Pomba (Bacia do Paraíba do Sul) etc.

A produção do queijo minas artesanal da região é comercializada a nível local e nacional. A sua elaboração obedece com fidelidade o modo de fazer queijo dos primeiros povoadores da região desde o século XVIII, produzidos em sítios e fazendas de toda a vasta região, daí transportados por tropeiros, no lombo de muaras, em duras jornadas e travessias, até os centros distribuidores (em particular São João Del-rei, sede da antiga comarca do Rio das Mortes, que, jocosamente era alcunhada “São João dos Queijos”). Os queijos eram acondicionados em jacás de bambu, levados, pelos tropeiros e caravaneiros, às praças consumidoras do Rio de Janeiro e São Paulo.

A região queijeira do Campos das Vertentes, dada sua vocação turística, cultural, artesanal, gastronômica, atrai milhares de visitantes, ao lado de sua forte tradição culinária, como os rocambos de Lagoa Dourada, as quitandas de São Tiago, a famosa cachaça mineira de excepcional qualidade como as produzidas em Coronel Xavier Chaves, Barroso, São Tiago etc.

Menção/Relatos de alguns viajantes à produção/comercialização de produtos alimentícios, dentre eles o queijo, em nosso meio:

“S. João del-Rei, vinte e uma léguas ao S.O. de Vila Rica, e cabeça doutra comarca, continha cerca de 5.000 habitantes, um hospital, uma igreja, seis capelas e ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo e de S. Francisco, sendo a capela desta última a mais esplêndida de toda a província (...) Era esta uma industriosa e, por conseguinte, florescente parte da capitania, abastecendo de cereais as outras e mandando queijos, toucinho e galinhas para o Rio de Janeiro, donde dista sessenta

e duas léguas. Neste termo, se cultivava algodão, de que se fabricava um pano grosso para roupa de negros e outro mais fino para toalhas (Robert Southey – História do Brasil, Livraria Garnier, 1862, tomo IV, pp. 471/472).

“Eram os escravos a única porção não ociosa da população, trabalhando compelidos, sem que por isso, fossem menos viciosos, dizendo-se que em qualquer crueldade que se tratasse de perpetrar eram eles os mais desumanos agentes. Queijo, toucinho e algum gado eram os únicos artigos remetidos desta capitania para o Rio de Janeiro. Os negros só se sustentavam de milho e feijão, alimento ordinário de quantos não viviam nas vilas ou arraiais, em que costumava haver açougues. Os mais opulentos criavam porcos, comendo-os salgados” (Southey, op cit p. 481).

“Embora os arredores próximos da cidade (São João Del-Rei) muito montanhosos e áridos, pareciam pouco povoados, acham-se, entretanto, nas gargantas e no fundo dos vales, muitas fazendas espalhadas que fornecem o necessário em milho, mandioca, feijão, laranjas, fumo, como também algum açúcar e algodão, sobretudo queijos, muito gado vacum, porcos, mulas...

Quanto aqui é animado o comércio, logo se vê pelo fato de fazerem quatro tropas, cada uma de cinquenta mulas cargueiras, continuas viagens para lá e para cá da capital, atualmente, levando toucinho, queijos, algum tecido de algodão, chapéus de feltro, gado bovino, mulas, galinhas e barras de ouro para vender ali; pelo valor dos seus produtos, trazem de volta mercadorias europeias, sobretudo portuguesas e inglesas, como chitas, panos, rendas, utensílios de ferro, vinho, cervejas Porter, licores etc. Como em toda Minas Gerais, também aqui a gente abastada é muito hospitaleira para com os estrangeiros, mas sobretudo, quando eles trazem cartas de recomendação de conhecidos” (Spix/Martius – Viagem pelo Brasil, RJ. Imprensa Oficial, 1938, livro terceiro, cap. III, p. 21).

(Fonte: Marcos Mergarejo Netto – “A geografia do queijo artesanal mineiro” Rio Claro/SP, Unesp, 2011).



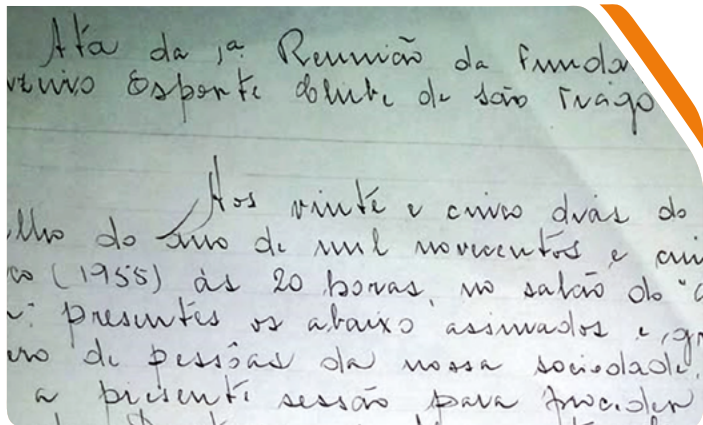
QUEIJO MINAS ARTESANAL RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

Em evento recente, mais precisamente no dia 04 de dezembro de 2024, o Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da UNESCO reconheceu o queijo minas artesanal como patrimônio imaterial da humanidade. O título-prêmio consolida assim uma trajetória de três séculos de produção artesanal em Minas Gerais, reforçando, ademais, a relevância econômica e cultural dessa iguaria/atividade para o Brasil. Um reconhecimento internacional que valoriza nossas tradições, fortalece o desenvolvimento sustentável das regiões produtoras e das populações envolvidas na cadeia produtiva do queijo artesanal, processo multissecular que atravessa gerações e regiões de nosso Estado.

Uma vitória de todos os produtores, suas associações e cooperativas e de toda a cultura mineira, relevando a qualidade dos produtos, criando oportunidades para que os produtores ampliem mercados, inclusive no exterior, aprimorando a competitividade e regularidade produtiva com essa certificação de origem. O queijo minas artesanal ganhará, com isso, mais espaço nos mercados nacional e internacional, gerando um círculo vicioso para as comunidades produtoras, consolidando-se nossas tradições culturais e gastronômicas dentro e além fronteiras.

70 ANOS DO CRUZEIRO ESPORTE CLUBE DE SÃO TIAGO

Tenho ideias sobre a mitologia do futebol que provavelmente não se enquadram no censo comum a respeito. Acredito firmemente que o futebol é uma questão pessoal que na solidão e no silêncio inconsciente do foro íntimo deve ser definida, resolvida



e projetada pela formação da consciência de si mesmo. Depois, que evolua como queira, talvez explodindo na multidão da arquibancada ou no sorriso discreto de um simples e único torcedor. Essa resolução pessoal define essa pequenina fração do que somos pela tradição, por nossas amizades, família e por sermos



filhos de nossos pais. Sou cruzeirense! Entre muitos! Toda essa confraria está comemorando este ano de 2025 o aniversário de 70 anos de fundação do Cruzeiro Esporte Clube, de São Tiago. A agenda prevê uma missa na Igreja Matriz, dia 16/07/25, uma quarta-feira às 20h, e todo um sábado de celebração, dia 19/07/25, com várias atividades e futebol no Campo do Cruzeiro, começando cedinho. Os que esqueceram ou se distanciaram tem uma chance de reencontro com uma parte de si mesmos.

No dia 25 de Julho de 1955, um sábado, data de importância municipal pela comemoração do Padroeiro São Tiago, às 20 horas, no salão do Cine Odeon então propriedade do Sr. Glauro de Castro, um grupo de pessoas se reuniram em uma assembleia que, conforme registro em ata lavrada, definiu pela fundação do Cruzeiro Esporte Clube e em ato contínuo promoveu a eleição para a primeira diretoria. O primeiro presidente a assumir foi o Sr. José Caputo Filho, o Preste. O atual é o Sr. Vitor Viana Carvalho.

Portanto, este ano nos traz uma efeméride única e especial para a existência do Cruzeiro Esporte Clube. Há uma estranha predileção humana por contagens redondas como, por exem-

plo, 70 anos, como se isso fosse muito diferente de 69 ou 71. Não importa, pois continua sendo momento de comemorar, inclusive além da agenda social programada, cada um pinçando em suas memórias flashes de passagens felizes, fatias de fatos e sentimentos onde o Cruzeiro esteve presente, nossos momentos individuais importantes, quase sempre tendo um rosto querido do passado enquadrado pela foto mental. Não se trata de futebol, e sim de vida!

A iniciativa para a criação de um clube e time de futebol partiu de um grupo de amigos do Bairro do Cruzeiro, origem do nome da agremiação, mas não se restringiu àquela área da cidade, angariando simpatia e adesão de uma multiplicidade de pessoas de outras regiões.

Surgiu então um dos mais tradicionais times de futebol da região do Campo das Vertentes, que dividiria o posto de primazia nesse esporte em São Tiago pelos próximos muitos anos com o Tupinambás, antagonista também fundado formalmente em 1955. As cores escolhidas foram o branco com uma faixa diagonal em preto, ornada com um escudo emblema simples com inspiração heráldica. Eventualmente uma cruz de malta também passou a ser utilizada como símbolo na camisa, tal qual o uniforme do Vasco da Gama do Rio de Janeiro, numa época em que times de outros estados tinham torcedores no interior do país, onde o esporte não era relevante. Uma apropriação lamentável ocorreu ao se usar indevidamente o uniforme azul estrelado do Cruzeiro de Belo Horizonte em algumas ocasiões, o que felizmente não prosperou.

Constituída a agremiação o próximo passo seria construir o estádio próprio. O Sr. João Guimarães de Castro, conforme registrado no Projeto de Lei nº 3502/2024 da Câmara Municipal de São Tiago, filho de Benjamim José de Castro e Carlita Resende de Castro, produtor rural e caminhoneiro conhecido como João do Benjamim, era apaixonado por futebol e jogava no Cruzeiro. Desta forma, intercedeu junto ao seu pai pela doação de um terre-



Inauguração do estádio: Facebook Memórias de São Tiago

no para a construção de um campo de futebol, da mesma forma que conseguiu com seu tio Américo de Castro a doação do terreno para a edificação da Capela de Fátima.

Em 24 de fevereiro de 1957 a obra foi inaugurada, recebendo como nome de batismo "Estádio Augusto das Chagas Viegas", uma homenagem justa a um santiaguense proeminente, deputado, advogado, escritor e acadêmico, com direito a nome de via pública em São Tiago e estátua em São João del Rei. Segundo consta, usou de sua influência para conseguir as máquinas destinadas aos serviços de terraplenagem necessários à implantação da obra. Foram convidados para as festividades os times do Conquistano (de Itaguara ou Itapeirica, restam dúvidas) e o Tupinambás.

Mais de quarenta anos depois o estádio sofreu uma ampla transformação, constando complementação do alambrado, consolidação do gramado, término dos novos vestiários e outras reformas em geral. Finalmente ele foi reinaugurado em junho de 1991 como "Estádio Geraldo Caputo". Dona Clara, viúva do Sr. Joãozinho Caputo descerrou a placa da reinauguração e Dona Nuna, viúva do Sr. José Caputo (Preste) cumpriu o mesmo ritual com a placa do novo vestiário. Um dia festivo marcou a data, repleto de solenidades, com a presença do Monsenhor Francisco Elói cele-

brando uma missa campal, discursos do então presidente Florival José de Castro, do Prefeito Francisco Aristeu Pereira e do Sr. João Pinto de Oliveira, entre outros, hasteamento de bandeira, música de banda e a participação do Coral Imaculada Conceição.

O mundo do futebol, como tantos outros, cultiva uma paixão descarada pela elaboração de listas: os melhores, os maiores, os mais importantes jogadores e times de todos os tempos, de certo local ou certa época, os eventos e jogos memoráveis, o pior Juiz Ladrão! É uma tolice indispensável. É impossível ser quase eterno, estar em todos os lugares e eventos, conhecer todas as realidades para dar chance a todos os jogadores na votação. Impossível, mas sem importância. Essa eleição sempre estará em pauta.

Conversando com pessoas que viram, conhecem e tem alguma autoridade de opinião é comum escutar que a melhor fase do Cruzeiro foi quando jogou o famoso goleiro Juvenal. O time da foto representa uma versão dessa fase, com a seguinte escalação: (em pé) Sr. Ulisses (Diretoria), Geraldo Caputo (técnico), Quatrocentos, Glauro, Juvenal, Deco, Barbinha e Cabecinha; (agachados) João do Janjão, Dirceu, Zé Afrânio, Realino e Guido. Quanto aos melhores jogadores, também com base em opiniões de cruzeirenses antigos: Boró, Chibata, Matias, Juvenal, Deco, Abel Zagueri, Geraldinho etc. Opiniões resumidas, não vereditos, pelo amor do etc.!

Quanto ao time de futebol esportivamente falando, mantém uma atividade relativamente significativa, ainda coexistindo com seu rival do Bairro Cerrado como inimigos íntimos e simbióticos, que talvez necessitem um do outro para existir. Infelizmente nenhum registro rotineiro de participações e títulos foi criado e mantido para rastrear dados e informações. Como relato otimista é importante ressaltar que o Cruzeiro foi o campeão do 14º Regional de Futebol, realizado de setembro a dezembro de 2024 em Resende Costa, contando com times de várias cidades do Campo das Vertentes: Resende Costa, Dolores de Campos, Tiradentes, Lagoa Dourada, São João del Rei, Coronel Xavier Chaves e obviamente São Tiago.

O estádio de futebol, o imóvel em si, está em boas condições. Ganhou muros e portões imponentes que somados à iluminação noturna já existente ampliou suas possibilidades de uso. Além dos jogos das equipes principais é local de treinamento dos juvenis e do funcionamento de um núcleo de formação de atletas, um



Time do Cruzeiro em 1976: Facebook Memórias de São Tiago

projeto social de viés esportivo encabeçado pelo Athletic de São João Rei em parceria com a Prefeitura Municipal e a AMG Mineração. Além disso, o espaço é liberado para atividades escolares e infantis, para eventos beneficentes como, por exemplo, em prol do Hospital São Vicente de Paulo. Funciona como posto anual de vacinação para os animais de estimação da cidade, o que merece a simpatia, elogios e agradecimento da comunidade.

O jornalista e escritor Marcus Antônio Santiago, administrador do Facebook "Memórias de São Tiago – Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago" algumas vezes brindou os seguidores de sua rede com instantâneos maravilhosos de por do sol captados do Campo do Cruzeiro. Tudo é uma questão de perspectiva! Podemos nos imaginar com os nossos pés plantados na grama do estádio olhando o passado e extraíndo memórias feitas dos melhores momentos. Ou então, por outro ponto de vista, lançar nosso olhar para o oeste e esse lindo por do sol e imaginá-lo como uma metáfora de um futuro melhor para a institui-

ção e time, nossas extensões sociais.

Septuagenário, vários homens passaram pela presidência do Cruzeiro. Pessoas simples, pessoas mais abastadas ou pelo menos de renome e reconhecimento público. Este os senhores aceitaram esse encargo, conforme registrado no Livro de Atas do clube, com indicação adicional de ano da primeira presidência e página do livro:

- José Caputo Filho 1955,01
- José Pinto de Oliveira 1972,10
- Roseraldo J. C. Caputo 1980,14
- Blair da Costa Vieira 1982,18
- Laerte da Silva Resende 1986,21
- Jair Francisco da Cruz 1996,35
- Enilson P. de Paula 2008,42
- Vitor Viana Carvalho 2020
- Raul Wilson da Mata 1965,09
- Messias Romeu Santiago 1979,12
- Genir Mendes de Moraes 1980,16
- Altair de Minas Caputo 1984,19
- Florival José de Castro 1989,28
- Mario Cesar de Carvalho 2002,39
- Paulo Henrique de Assis 2012,45



Por do sol no Campo do Cruzeiro: Facebook Memórias de São Tiago

Qualquer entidade, inclusive associações esportivas, que comemorem aniversário de 70 anos podem considerar sua existência digna de nota frente à rapidez nefasta e a efemeridade rasa e ordinária dos dias atuais. Com sete décadas de bagagem histórica o Cruzeiro é uma construção que exigiu muitos pares de mãos (e muitos pares de pés, esse horrível trocadilho inevitável e perdãoável por ser pleno de sentido) para ser construído e mantido, talvez o objetivo mais difícil. Um imenso time de indivíduos, amigos, famílias contribuíram para sua existência e evolução.

A Família Caputo foi apenas mais uma daquelas que participaram do processo de construção da identidade do Cruzeiro, e por isso não merece nenhum elogio especial a mais que também não possa honrar a todas às outras, com igualdade e gratidão. Entretanto, se o futebol é algo pessoal e essa é a minha família, é inevitável não me lembrar do meu avô Preste contratando e remunerando o goleiro Juvenal como um profissional, de ver meu pai feliz por presentear pesadas traves de aço para o campo ou de meu tio Altair devotando muito do seu tempo ao clube. Se isso acontece em minha família certamente ocorre em muitas outras.



Simbolos do time e a camisa comemorativa de 70 anos

É dessa substância que o santiaguense Cruzeiro Esporte Clube foi feito e dela ele sobrevive.

Que a substância comemore muitos e muitos anos de vida.

Fabio Antônio Caputo

1675 – 2025

350 ANOS DA PASSAGEM DA BANDEIRA DE FERNÃO DIAS POR TERRAS DE NOSSO MUNICÍPIO

“Foi em março, ao findar das chuvas, quase à entrada / do outono, quando a terra em sede requemada / bebera longamente as águas da estação / que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata / à frente dos peões da rude mata / Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão” (Olavo Bilac – O Caçador de Esmeraldas).

Segundo conceituados historiadores, dentre eles Diogo de Vasconcelos, a bandeira de Fernão Dias Paes saíra de São Paulo a 21 de julho de 1764, com homens e tropas, em trânsito para o sertão das Minas Gerais. Ao atingir o local Ibituruna, na confluência dos rios das Mortes e Grande, aí se estabelecera, à espera da estação chuvosa, plantando-se lavou- ras, se preparando durante seis meses para o prosseguimento da árdua jornada. Em março de 1675, encerrado o ciclo das chuvas, colhidas as safras, abastecida a expedição de vi- veres e armas, prosseguiu-se a viagem, atra- vessando-se terras dos atuais municípios de Bom Sucesso, Conceição da Barra, São Tiago, Oliveira (Morro do Ferro) à procura das celebrizadas esmeraldas.

A bandeira seguiria, após Ibituruna, uma velha trilha indi- gena (peabiru) rumo norte/nordeste, a mesma palmilhada por expedições paulistas anteriores, dentre elas a de André de Leão (1601), cujo cronista o holandês Guilherme Jostten Glimmer registrou que, a partir dali (Ibituruna) estendia-se “uma estrada longa e batida” Roteiro/travessia, provavelmen-



te percorrido por outros bandeirantes como Lourenço Castanho Taques (1665-1668) em sua luta contra os índios cataguás; Nicolau Barreto (1602) que chegaria à região do Rio das Velhas e Paracatu; Martim Rodrigues Tenório de Aguiar (1606) que teria alcançado o Sertão do Campo Grande; Matias Cardoso de Almeida (1672), Bartolomeu da Cunha Gago (1673) e ainda a comitiva de D. Rodrigo Castelo Branco (1681). São, todavia, conjecturas que dividem a opinião de historiadores, até os dias atuais. Todos os autores são unânimes em corroborar a estância de Ibituruna como ponto de para- da da bandeira de Fernão Dias no final de 1674, dali levantando acampamento e par- tindo, após o período das monções, em mar- ço de 1675, em direção às sonhadas minas de esmeraldas, chegando à atual região me- tropolitana de Belo Horizonte.

O itinerário da bandeira de Fernão Dias por nosso mu- nicípio, segundo estudos e mapas do historiador Canabrava Barreiros envolveria os locais/trechos do Córrego da Serra (Taboãozinho), Bananal, Pau da Bandeira, Romeiros, daí – após atravessar o Rio Jacaré - a atual Morro do Ferro e Passa Tempo.

(Sobre a passagem da bandeira de Fernão Dias Paes por nossa região ver matérias em nosso boletim nº CXVI – mar- ço/2017 e n. CCV – outubro/2024).

1825–2025

200 ANOS DA PASSAGEM DO GENERAL BRIGADEIRO RAIMUNDO DA CUNHA MATOS POR SÃO TIAGO

No dia 08 de abril de 1825, o General Brigadeiro Raimundo José da Cunha Matos, então presidente (governador) da Pro- vincia de Goiás, passou por nossa cidade, em direção ao Rio de Janeiro, com o seguinte e perturbador relato sobre o nos- so então arraial:

“8 de abril, sexta-feira – Saí do engenho de D^a Ana para o arraial de São Tiago, através de um grande chapadão, ponto culminante das águas dos rios Jacaré e do Peixe, braços di- reitos dos rios das Mortes e Grande. Encontram-se muitos capões e lugares de antigas minerações e cheguei ao arraial de São Tiago às 9 horas da manhã. Este arraial foi muito ex- tenso e teve bons edifícios, a maior parte dos quais se acham em ruínas e os outros, desertos, sorte de todas as povoações procedidas da mineração. A igreja é vasta e formosa; não está muito maltratada. É tão grande a escassez neste arraial que, dificultosamente, encontrei duas galinhas e alguns ovos para o jantar; e apenas vi quatro ou seis pessoas, as quais estavam vestidas como os mendigos mais miseráveis. O arraial de São Tiago fica 3 ½ léguas distante do de São João Batista, onde estive no dia 8 de maio de 1823; e 4 ½ léguas arredado do ar- raial da Lajea, onde igualmente passei no dia antecedente na minha marcha para Goiás”

O General pernoitaria no arraial de São Tiago, daqui sain- do no sábado, dia 09 de abril “às quatro horas da manhã” em direção a Conceição da Barra e São João Del-Rei (“Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão passando pelas Provin- cias de Minas e Goiás” – Belo Horizonte, Inst. Cultural Amílcar Martins, 2004, pp. 233/239)

A condição de decadência do arraial, apontada por Cunha Matos, provavelmente se justifique por fatores como: a exaus- tão das lavras auríferas na região; o êxodo de dezenas de fa- mílias locais, entre o final do século XVIII e inícios do século XIX, rumo ao “sertão” (Triângulo Mineiro, Goiás etc); a atroz repressão da Coroa Portuguesa aos membros/participantes da chamada Inconfidência Mineira, levando familiares a aban- donarem a região, de forma a fugir às represálias e violências governamentais.

O autor (Cunha Matos) faz outras referências/apontamen- tos sobre São Tiago em outra obra sua “Corografia Histó- rica da Provincia de Minas Gerais” Ed. Itatiaia/Edusp, 1981, pp. 117, 121, 256.

(Sobre o assunto – passagens do Gen.Brig. Raimundo da Cunha Matos por nossa região – ver matéria em nosso bole- tim nº CIV – maio/2016.

Jabuticabas brasileiras

IMAGENS/FONTES: BRASILESCOLA.COM.BR

IMAGENS/FONTES: AMERICANA.COM.BR



Prólogo e dúvida: Jabuticaba ou Jaboticaba? A forma considerada oficial, mais precisa e recomendada pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa é Jabuticaba, com origem no tupi-guarani. A outra variante, Jaboticaba, também muito difundida, pode ser considerada aceitável.

A frase “Se só existe no Brasil e não é Jabuticaba, é besteira” é atribuída a Mário Henrique Simonsen, um economista, engenheiro, professor e banqueiro, ministro da Fazenda no governo do General Ernesto Geisel. Simonsen era muito inteligente e possuía um humor ferino, usando essa frase provocativa para desaprovar invenções mirabolantes para solucionar os problemas do Brasil.

Jabuticaba Brasileira virou sinônimo de coisas exóticas e curiosas que, em tese, só existem no Brasil.

O chuveiro elétrico é uma dessas Jabuticabas Brasileiras. Ele foi inventado pelo engenheiro Francisco Canhos, em Jaú, interior de São Paulo em 1927. A novidade se popularizou na década de 40 e com mais intensidade a partir de 1952 quando a empresa Lorenzetti iniciou sua produção, tornando o eletrodoméstico um item obrigatório na vida da maioria dos brasileiros. Também existe acessoriamente em poucos países da América do Sul, África e Ásia.

Estrangeiros costumam ficar apavorados e incrédulos com a mistura de energia elétrica (fios energizados) e água convivendo naturalmente em nossos banheiros. Consideram tão perigoso que cunharam um nome referência para o motivo de seu medo: “suicide shower / chuveiro suicida”. Em seus países, além do uso de outros tipos de aquecimento, gás por exemplo, as recomendações construtivas são tão severas que o interruptor da iluminação do banheiro costuma ficar do lado de fora. Como exceção é permitida uma tomada especial para aparelho de barbear!

Outra Jabuticaba Brasileira é a panela de pressão para utilização em fogão a gás, que também se tornou motivo de terror para estrangeiros, principalmente dos EUA e da Europa. Em 1679 o físico francês Denis Papin inventou um equipamento científico chamado “Marmita de Papin” que com desenvolvimento e tempo tornou-se o precursor das panelas de pressão na forma como as conhecemos hoje. Apesar de origem francesa encontrou no Brasil o ambiente perfeito para se tornar uma rainha da culinária caseira, sendo um equipamento indispensável nas cozinhas do país, não sendo praticamente utilizada no restante do mundo. Contribui para essa rejeição a falta de contato com o produto, o desconhecimento dos cuidados preventivos e manutenções necessárias para o bom fun-

cionamento desse útil equipamento doméstico. Também pesa contra a sua reputação a possibilidade deste objeto servir de peça na montagem de bombas de terroristas, cheias de metal, pregos e outros objetos contundentes.

Os relatos de acidentes com chuveiros e panelas que vem a público demonstram sua clara natureza perigosa e quase letal. Entretanto, a desproporção entre o número de casos relatados e o número de candidatos a vilão instalados sugere que a possibilidade de risco não seja tão alta e que a realidade não seja tão feia assim.

A próxima Jabuticaba Brasileira é obviamente a própria: aquela fruta espetacular. Originária do Brasil, nativa da Mata Atlântica, comum no sudeste e apreciadora de climas tropicais e subtropicais. Pelo visto o exagero de considerar o Brasil o lar de coisas únicas é recorrente. Ela também existe fora do Brasil, sendo cultivada na Argentina, Paraguai e Uruguai ou nos EUA, na Flórida e Havaí. Na Venezuela e México existe uma variedade rara chamada Jabuticaba Azul. Essa distribuição mundial é de forma limitada, o que valida nossa crença de exclusividade. Em 1828 foi feita a primeira descrição e registro botânico da espécie em uma análise de plantas cultivadas. Uma lenda Tupi conta que um pequeno menino índio possuía as pernas atrofiadas e passava todo o tempo de vida, solitário e triste, em uma rede amarrada em uma árvore que não dava frutos. O Deus Tupã pediu a árvore infértil que produzisse frutos para trazer alegria ao indiozinho. Assim surgiu a Jabuticaba, uma fonte de alegria e sabor inigualável.

PT. WIKIPEDIA.ORG



Para finalizar, a referência sempre presente a uma última Jabuticaba Brasileira, uma perla negra imaterial: a palavra Saudade. Afirma-se categoricamente que a palavra Saudade somente existe em Português! Não é bem verdade, mas talvez mais interessante. Essa palavra até pode ter equivalentes em outras línguas, mas não consegue alcançar a amalgama de sentimentos que conhecemos. Dizem os que defendem essa tese que os outros idiomas não captam essa mistura de melancolia, nostalgia e falta que é fácil de sentir e difícil de explicar. Quanto ao que realmente importa, será raro ser acometido por saudade de chuveiro elétrico e panela de pressão, mas da Jabuticaba sim, com a certeza que nasce no coração de quem se lembra.

P.S.: Há quem afirme que brigadeiro de chocolate, coxinha de frango com catupiry e pão de queijo também são honradas versões culinárias de nossas Jabuticabas Brasileiras. Isso é outro assunto!

Fabio Antônio Caputo

VULTOS DA REGIÃO

Pe. Chrispiniano Antônio de Souza

Nas terras abençoadas de Santa Rita do Rio Abaixo, nasceu, a 28 de dezembro de 1851, o Pe. Chrispiniano Antônio de Souza, terceiro fruto do matrimônio de Francisco José de Souza e Sabina Cândida dos Santos. Recebeu as águas do batismo pelas mãos do Vigário da Lage, Pe. Joaquim Carlos, a 25 de janeiro de 1852; posteriormente, foi crismado pelo santo Bispo de Mariana, Dom Viçoso.

Era neto materno do capelão cura, Pe. Crispiniano Antônio dos Santos, que, ao quedar-se viúvo, abraçou o estado sacerdotal. Órfão de pai desde os dois anos, ficou sob a guarda e tutela do padre-avô, que velaria por sua formação e pela de suas irmãs até que atingissem a maioridade. O tutor, com frequência, prestava contas dos órfãos ao braço civil, e foi a partir desses registros que se puderam delimitar alguns traços de sua infância na Santa Rita do Rio Abaixo oitocentista.

Em 1857, aos seis anos, o menino Chrispiniano recebia instrução nos dogmas da religião católica e ocupava-se das brincadeiras próprias da infância, vivendo em companhia da mãe. Em 1864, aos treze, frequentava o Colégio Dalle, em São João del-Rei e ainda residia com sua genitora.

Sentiu-se chamado ao sacerdócio, talvez inspirado pelo testemunho edificante de seu avô. Seguiu, então, para o Seminário Menor de Mariana, onde cursou Humanidades, e, mais tarde, aprofundou-se nos estudos de Filosofia e Teologia no vetusto Seminário do Caraça, em Santa Bárbara-MG. Ali, em 1875, preparou-se para a ordenação.

O processo eclesiástico transcorreu em sua terra natal e, por entre depoimentos e testemunhos juramentados, delineou-se o caráter do jovem seminarista: um homem probo, de conduta reta e piedosa, caridoso para com os necessitados, fiel à amizade e à honra. Recebeu as ordens menores das mãos abençoadas de Dom Viçoso — as mesmas que, na infância, haviam ungido sua fronte no sacramento da Crisma.

A 30 de março de 1875, recebeu o subdiaconato e em 24 de julho de 1876, o diaconato. No dia seguinte, 25 de julho, na sacralidade da Sé de Diamantina, prostrou-se, em reverência e humildade, diante do altar do Altíssimo para receber, das mãos de Dom João Antônio dos Santos, por definitivo, o dom do sacerdócio católico. A Sé de Mariana jazia vacante pela morte do venerável Dom Viçoso, razão pela qual sua ordenação se deu em terra distante. Ao seu lado, foi ordenado o Pe. João de Almeida Ferrão, que, nos desígnios de Deus, viria a ser o primeiro bispo da Diocese da Campanha.

Sua primeira missa foi celebrada na Matriz de Santa Rita do Rio Abaixo, terra que lhe fora berço e haveria de ser morada. A figura de seu velho avô, falecido três anos antes, certamente povoou-lhe o coração quando, aos pés de Santa Rita, iniciou os sagrados ritos. Ali permaneceu por alguns dias, auxiliando o vigário, Pe. João José de Faria, enquanto aguardava sua nomeação. Mas a Providência lhe reservava outro caminho: em outubro de 1876, o próprio Pe. Faria foi transferido, deixando ao jovem sacerdote, de apenas 24 anos, a incumbência de guiar, ainda que interinamente, a sua gente na fé.

Um mês depois, recebeu comunicado da Cúria de Mariana com a provisão de vigário encomendado, tornando-se o terceiro pároco de Santa Rita do Rio Abaixo. Os poucos dias que imaginava passar entre os seus transmutaram-se no mais longo paróquia-to de nossa história, que se estenderia por quarenta e nove anos. De 1876 a 1925, deixou marcas indeléveis de seu zelo e dedicação ao reger a paróquia de sua terra, sem nunca se ausentar dela, mesmo regendo interinamente as paróquias de Resende Costa e São Tiago. Sem dúvida, foi um dos mais notáveis benfeitores



de Santa Rita do Rio Abaixo. Movido pelo anseio de promover o bem-estar de seu povo, chegou a candidatar-se ao cargo de vereador no município de São João del-Rei, sendo eleito por seus conterrâneos para dois triênios consecutivos.

Graças a seus esforços, inaugurou-se, em 1907, o ensino público na localidade, cabendo-lhe, por diversas vezes, exercer a função de inspetor escolar. Não menos empenhou-se na construção do cemitério do arraial — o nosso atual campo santo — e na ampliação da setecentista Capela de Santa Rita do Rio Abaixo, chegando a servir como humilde operário na edificação da torre.

Foi ele quem acolheu do batismo incontáveis almas e quem abençoou o matrimônio de tantos quantos o buscaram. Por sua afeição paternal, tornou-se padrinho de muitas crianças, testemunhando, assim, a estreita amizade que nutria por seus paroquianos. Acompanhou à sepultura gerações inteiras de fiéis, levando-lhes, no momento derradeiro, o conforto dos santos sacramentos — ainda que, para isso, precisasse atravessar vastas distâncias, a cavalo, sob intempéries variadas. E tudo isso se encontra fielmente registrado nos livros paroquiais, manuscritos por sua própria mão, em caligrafia primorosa.

De sua vida e ministério, o mais eloquente testemunho provém de Dom Silvério Gomes Pimenta, Arcebispo de Mariana, que, ao visitar Santa Rita do Rio Abaixo em 1917, fez consignar nos registros da cúria sua admiração pelo venerável vigário, ao falar *“de sua vida pura, do cuidado com que administra a freguesia que rege há quarenta e um anos, do zelo com que tem provido de ornamentos sagrados, missais, vasos sagrados e boas imagens...”* E prossegue o venerando arcebispo: *“agradeço com muito afeto a este querido vigário e amigo sua dedicação de tantos anos e sua antiga amizade [...]. Seus paroquianos também deixaram referências elogiosas a seu zelo sacerdotal, sua paciência e carinho para com os pobres, sua devoção a Santa Rita e seu amor por sua terra natal.”*

Em 1925, ao completar quarenta e nove anos de sacerdócio, viu-se acometido por grave enfermidade nos últimos dias do mês de junho. E, não resistindo ao peso dos anos e ao avanço do padecimento, faleceu no Senhor, no dia 15 de julho, às cinco horas da tarde, em sua residência, situada atrás da Matriz de Santa Rita, velha igreja de sua infância e tabernáculo sagrado de todo o seu sacerdócio.

Sua morte, ocorrida há um século, foi registrada no Boletim Eclesiástico de Mariana como motivo de grande consternação para a paróquia que edificara ao longo de sua frutuosa existência, sempre alicerçada nas virtudes cristãs e sacerdotais.

No dia seguinte, seu corpo, revestido dos hábitos sacerdotais, foi conduzido em solene cortejo, seguido por multidão de fiéis vindos de toda a região. Em São João del-Rei, as bandeiras estavam a meio mastro. Como suprema homenagem ao digno pastor, foi inumado junto aos despojos de seu venerando avô — a quem devia, em grande parte, a vocação eclesiástica —, diante da Capela do Rosário, no Arraial de Santa Rita.

Monsenhor Flávio Carneiro Rodrigues (in memoriam), sacerdote do clero marianense e sobrinho-neto do extinto vigário, legou-lhe preciosa nota necrológica, na qual perpetuou sua memória, terminando nos nestes termos:

“O bom povo de Ritópolis, sempre agradecido, não se esquece dos beneméritos nomes de seus antigos vigários, que ali souberam manter acesa a chama de sua bendita crença em Deus e devoção à Santa Padroeira. Entre eles, o nome do Pe. Chrispiniano continua ali perpetuado na conceituada Escola Estadual e em uma das ruas da cidade.”

Pe. Thomas Andrade Gimenez Dias

A Casa da Moeda do Brasil – CMB

A **Casa da Moeda do Brasil** foi fundada em 8 de março de 1694, no Brasil Colônia, pelos governantes portugueses para fabricar moedas com o ouro proveniente das minerações. Na época, a extração de ouro era muito expressiva no Brasil e o crescimento do comércio começava a sofrer com a falta de um suprimento local de moedas.

Em 1695, a cunhagem das primeiras moedas genuinamente brasileiras foi iniciada na Praça do Palácio, cidade de Salvador, Bahia, primeira sede da CMB, permitindo a substituição progressiva das diversas moedas estrangeiras que aqui circulavam.

Após várias idas e vindas entre o Rio de Janeiro e cidades no nordeste do Brasil e em Minas Gerais, a CMB foi definitivamente transferida para o Rio de Janeiro, então capital da República, operando inicialmente em instalações provisórias e, mais tarde, em amplo prédio construído na Praça da República, inaugurado em 1868. Essa planta foi modernizada no período de 1964 a 1969, com o propósito de assegurar ao país a autossuficiência na produção de seu meio circulante.



O crescimento da economia brasileira durante os anos subsequentes exigiu a expansão da capacidade de produção da empresa. Um novo complexo industrial, representando um dos maiores do gênero no mundo, foi especificamente projetado, construído e inaugurado em 1984, no Distrito Industrial de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A fábrica de moedas é capaz de produzir até 4 bilhões de moedas por ano, atendendo toda a demanda de moedas do meio circulante brasileiro.

AS “CASAS DA MOEDA” NO BRASIL

Anteriormente à oficialização da Casa da Moeda do Brasil, em 1694, era livre a exploração das minas de ouro ou prata – desde que se pagasse à Fazenda Real a quinta parte do que fosse extraído – o metal era fundido em barras nas Casas de Fundição, onde eram devidamente marcadas com as armas do Reino, com o número de ordem, o nome da casa, a titulação do metal, o ano da fundição e o peso. Além de emissão de certificado de pagamento do “quinto” e de posse.

As Casas de Fundição não eram propriamente estabelecimentos metalúrgicos ditos organizados, dispoendo de poucos instrumentos, forjas pequenas e balanças de pouca precisão. No entanto, algumas chegavam a operar como verdadeiras Casas de Moeda, modificando características de moedas e até produzindo numerário próprio.

Com o passar do tempo, as Casas de Fundição foram perdendo sua finalidade e sendo extintas, até o fechamento definitivo determinado por lei em 1832.

CASA DA MOEDA DA BAHIA (1694-1698)

Início das atividades: 08/03/1694

Encerramento: 12/01/1698

Local: Praça do Palácio (atual esquina da Rua da Misericórdia com a Ladeira da Praça), Salvador, Bahia

A primeira Casa da Moeda do Brasil foi criada no governo de D. Pedro II, de Portugal, para suprir a deficiência de numerário para realização de pagamentos e organizar o meio circulante dominado por moedas de vários países marcadas e remarcadas.

BAHIA OU SÃO PAULO?

A primeira Casa da Moeda do Brasil teria sido realmente na Bahia? Estudos mais recentes, baseados em documentos da época, comprovam que cinquenta anos antes, moedas de ouro já eram batidas em São Paulo, capital da capitania de São Vicente. Mas, poderia essa atividade em São Paulo ser considerada uma Casa da Moeda oficial? Ou tratava-se apenas de mais uma oficina de fundição que fazia, também, moedas?

CASA DA MOEDA DO RIO DE JANEIRO (1698-1700)

Início das atividades: 12/01/1698

Encerramento: 20/01/1700

Local: Junta do Comércio, próximo à Ladeira São Bento, Rio de Janeiro
Levando-se em conta a total falta de segurança e a pirataria verificada nas costas brasileiras, foi conveniente e seguro instalar a Casa



Cidade de Salvador vista pelo mar com a indicação da localização da primeira Casa da Moeda. Desenho de José Caldas

da Moeda na cidade do Rio de Janeiro e não mais remeter o dinheiro para a cidade de Salvador.

CASA DA MOEDA DE PERNAMBUCO (1700-1702)

Início das atividades: 13/10/1700

Encerramento: 12/10/1702

Local: Rua da Moeda, Vila do Recife, Pernambuco

O comércio crescia e a escassez de numerário estava ocasionando graves problemas. A transferência do Rio para Recife foi estratégico na logística do setor. Aproveitou-se o prédio da antiga Oficina de Recunhagem na rua Maria Rodrigues, posteriormente, Rua da Moeda.

CASA DA MOEDA DO RIO DE JANEIRO (1703-ATUAL)

Início das atividades: 14/01/1703

Local: Junta do Comércio, próximo à Ladeira São Bento (Rua Direita), Rio de Janeiro;

Em 1706, transferida para a nova instalação na Praça do Carmo (atual Praça XV);

Em 1743, transferência para o recém-construído Palácio dos Vice-reis, na Casa dos Governadores, Largo do Carmo;

Em 1814, a sede passa a ser a Casa dos Pássaros, no edifício do Real Erário, Rua do Sacramento (atual Avenida Passos);

Em 1868, transferida para a Praça da Aclamação (atual Praça da República);

Em 1984, transferida para o novo Parque Industrial, no Distrito de Santa Cruz, ainda no Rio de Janeiro.

A queda acentuada do movimento da Casa da Moeda de Pernambuco e o Rio de Janeiro ressentindo-se de um estabelecimento cunhador para suprir o desenvolvimento da região, determinou-se a reabertura da Casa da Moeda do Rio de Janeiro mantendo-se ativa até hoje.

CASA DA MOEDA DA BAHIA (1714-1830)

Início das atividades: 14/11/1714

Encerramento: 29/11/1830

Local: Praça do Palácio, Salvador, Bahia

Em decorrência do apogeu da produção aurífera na região nordeste, a fluente evasão de ouro e da grande carência de metal cunhado para circulação local foi estabelecido a reabertura da Casa da Moeda da Bahia resgatando da Casa da Moeda do Rio de Janeiro o traslado do Livro de Registros das atividades que exercera no período de 1694 a 1698.

CASA DA MOEDA DE MINAS GERAIS (1725-1735)

Início das atividades: 01/02/1725

Encerramento: 21/07/1735

Local: Morro de Santa Quitéria, Vila Rica (atual Ouro Preto), Minas Gerais

A produção ostensiva de ouro na região, propiciou a instalação da terceira Casa da Moeda, em atividade, para atender a demanda local.

CASA DA MOEDA DE VILA DA CACHOEIRA (1823-1823)

Início das atividades: 07/06/1823

Encerramento: 04/07/1823

Local: Convento do Carmo, Vila da Cachoeira, Salvador, Bahia

Com o agravamento das relações entre a Colônia e Portugal, iniciado em 1822 por causa da declaração da independência do Brasil,



Edifício do Real Erário, antiga Casa dos Pássaros. Foto de Gilson Koatz

intensificaram-se as hostilidades armadas entre o partido brasileiro e o português, começando a grande retirada dos moradores para a Vila da Cachoeira. Conforme cita Renato Berbert de Castro, a cidade de Salvador encontrava-se dominada pelo brigadeiro português Inácio Luiz Madeira de Melo, nomeado pela Metrópole que, mesmo após o Grito da Independência, permanecia à frente da força militar, ordenando a ocupação da cidade. A violência imperava sobre a região, ocasionando o êxodo da população. O centro das operações foi transferido para a Vila da Cachoeira, ali instalando-se o Conselho Interino de Governo. A luta pela consolidação da Independência do Brasil, na Bahia, somente terminou a 2 de Julho de 1823, cessando as atividades do Conselho Interino de Governo, sendo constitui-



Rua Direita do Rio de Janeiro em aquarela de Thomas Ender

do Governo provisório e retornando os serviços à Capital.

A instalação de uma Casa da Moeda em outro local que não fosse a capital, foi aprovada por D. Pedro dado que as instalações em Salvador estavam inutilizadas, a fábrica parada, os oficiais e operários evadidos para o Recôncavo. A nova Casa da Moeda funcionou até que a situação foi normalizada.



Igreja e Convento do Carmo, foto de JF Paranaguá

Paróquia de São Tiago é homenageada pelo Instituto Histórico e Geográfico

Em reconhecimento à sua trajetória e relevância histórica, a Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana foi homenageada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST) durante reunião realizada no dia 3 de julho de 2025, no Memorial Santiaguense.

Na ocasião, o pároco, Revmo. Pe. Aparecido Paulo da Silva, recebeu, das mãos da presidente do Instituto, Maria Elena Caputo, um diploma de reconhecimento pelos 170 anos de instalação canônica da Paróquia, celebrados recentemente, bem como pelos relevantes serviços prestados à comunidade santiaguense nos campos cultural, histórico, pastoral e social.

Fundada em 1855, a Paróquia é considerada um dos pilares da história do município, sendo referência tanto na dimensão religiosa quanto na formação social, pastoral e no fortale-

cimento da vida comunitária.

Durante o momento, Pe. Aparecido agradeceu a homenagem com emoção, destacando a importância do momento para a história local. "Receber esse reconhecimento é uma honra para todos nós que fazemos parte da Paróquia. Reafirmamos também nosso compromisso com o resgate, a preservação e a valorização da rica herança religiosa e cultural da cidade", declarou.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago, fundado em 2007, reitera, com essa iniciativa, seu compromisso com a valorização do patrimônio local e com a promoção do diálogo entre passado, presente e futuro, mantendo viva a história e a cultura do município.

Marcus Santiago



APOTEOSES DOS IDEAIS BONSUCESSENCES

Pesquisa e texto: Antenor Gonçalves Filho

2ª PARTE

Santa Casa de Bom Sucesso

Resultado do ideal e dedicação de amantes desta terra. Idealismo, união e fé, foi o que ficou registrado desde a sua primeira equipe de fundação

Resultado do ideal de um grupo de amantes desta terra, cujos primeiros rumores começaram a surgir por volta de 1907. Este ideal se tornou mais forte ao assistirem à triste partida daqueles que sucumbiram doentes, por falta de assistência, tratamento e socorro.

A falta de recursos e condições que abrangia a população desesperou nos idealistas a necessidade de se criar uma casa de caridade, para abrigar aqueles que sofriam no leito ou ao relento.

E foi no dia 28 de abril de 1907, na residência do Capitão Antônio Martins Soares, que este grupo se reuniu pela primeira vez para dar os primeiros passos nas trilhas deste nobre ideal: estava fundada a Associação Asilo de Caridade de Bom Sucesso que seria mantida por sócios.

A primeira diretoria foi constituída naquela reunião e foi composta pelos senhores: Dr. João Benevides de Azevedo, Joaquim Gonçalves dos Santos, Pedro Ivo Morato e José Carlos de Souza Zequinha.

Numa linda tarde de 31 de março daquele mesmo ano, novamente a residência do Capitão Antônio Martins Soares emprestava suas dependências para a segunda reunião da diretoria da Associação Asilo de Caridade de Bom Sucesso. Naquela tarde especial a missão tomava um caminho mais concreto e realista onde a responsabilidade ficava cada vez mais séria. Com a presença de autoridades e pessoas da comunidade, o reverendíssimo Padre Laponese Silvino pedia as bênçãos do Senhor para iluminar a sabedoria da comissão que seria responsável pela escolha e localização do terreno onde deveria ser construído o prédio do Asilo de Caridade.

Em 7 de abril, novamente o grupo se reúne para decidir sobre a escolha da área apresentada pela comissão que era constituída pelo Dr. Zoroastro Alvarenga, Major Francisco Ferreira Rodrigues Júnior e Capitão João Machado da Silva Neto.

Depois de adquirir uma propriedade na Rua do Rosário, em frente ao prédio da Câmara Municipal, pensou-se em adquirir uma casa próxima, para ampliar e construir a sede definitiva. Contudo, mesmo com as dificuldades da época, o passar do tempo somava novas forças e o ideal se tornando mais sólido.

Foi numa tarde do ano de 1910 que realizava-se uma assembleia geral, no consistório da Igreja do Rosário, onde foi criada a "União dos Operários" que veio reforçar, ainda mais, o ideal de se ter uma casa de caridade à altura de atender as necessidades da região, que compreendia-se em Bom Sucesso, Santo Antônio do Amparo e São João Batista. Após muitos esforços, em janeiro do ano seguinte, a diretoria do Asilo anuncia que adquirira um terreno "Pasto do Protasio", para a construção de seu prédio e sede definitiva. Também conclamava a todos para participarem deste desafio que era a construção do primeiro hospital regional.

A participação de todos foi calorosa e unânime. Toda a comunidade depositava fé e acreditava na necessidade de apoiar as coisas da nossa terra.

E foi assim pensando que a União Operária decidiu em assembleia que cada operário daria um dia de serviço semanal, para ajudar na construção e manutenção do asilo.

O rateio das despesas foi feito entre todos os distritos e em cada localidade a arrecadação ficou a cargo de um procurador, sendo: Ananias Teixeira Avelar, Santo Antônio do Amparo; Venâncio Castanheira Filho, Macaia; João Neri de Abreu, São João Batista e João Teixeira da Silva, de São Tiago.

Sob as bênçãos de Deus, com a cerimônia presidida pelo Pe. João de Faria, de Ribeirão Vermelho, em julho de 1911 realizava-se o assentamento da pedra fundamental, com a presença dos membros da União Operária e de grande parte da população.

O dinâmico Pedro Ivo Morato, então presidente da Associação Asilo de Caridade de Bom Sucesso, consciente da necessidade de uma realização urgente daquele sonho, cujo ideal se alastrou por todos os cantos, enfatizava o prosseguimento das obras. Para tal contra-

tou os serviços do Capitão Antero Rodrigues que já havia dado prova de sua competência na administração de outras obras que ergueu na cidade. Ao mesmo ficou estabelecido o salário mensal de 5\$000 (cinco mil réis).

A planta do edifício lhe foi confiada e entregue. Também a ele era dado consentimento e autonomia na contratação dos oficiais que fossem necessários para o desempenho da obra.

Desde os alicerces até o telhado e do acabamento até a última pinça que entrou na sala de cirurgia, tudo foi feito com doações e apoio maciço do povo. Eram diárias viagens de carros de boi que traziam pedras, areia, peças enormes de madeira, etc. Foi muita movimentação espontânea do povo, para obter para si e para os outros um recurso para a hora de dor, sofrimento e principalmente para salvar-lhes da morte que a todos espreitava através das epidemias daquela época.

Para conclusão das obras que iam em ritmo acelerado, os recursos arrecadados, mesmo com tanta boa vontade, ainda não eram suficientes. Portanto as obras ficariam impossibilitadas de finalizar se não fossem as três doações recebidas: 1.000\$000 (um conto de réis) do Dr. Marcílio Mourão, 500\$000 (quinhentos mil réis) do Coronel Francisco de Paula Rocha e 2.000\$000 (dois contos de réis) do governo através do deputado distrital Cel. José Ferreira de Carvalho.

Com a morte de seu principal articulador e presidente Pedro Ivo Morato, que partiu em dezembro de 1913, o Sr. Políbio de Freitas Mourão assume a presidência e o desafio, juntamente com os companheiros Antônio Carlos Yankous, Antônio Pinto Maromba e Joaquim Gonçalves dos Santos.

Com a sugestão apontada pelos médicos Dr. Antônio Mourão Guimarães (que sugeriu a primeira planta das novas alas) e Dr. Alexandrino Chagas, na qual julgavam indispensável a construção de uma sala de operações. Ficou deliberado que se faria esta obra.

A sala de cirurgia ficaria à ala esquerda e à direita uma enfermaria para mulheres.

Os recursos para esta parte da obra foram arrecadados na comunidade que compreendia-se em todos os distritos.

Em dezembro de 1916 o então presidente Capitão Maromba anunciava à população que as obras estavam no final, faltando somente as instalações sanitárias e rede de esgoto.

UMA CALOROSA SOLENIDADE

MARCOU A INAUGURAÇÃO

(8 de abril de 1917)

Na enfermaria destinada às mulheres, foi armada um elegante altar, no qual, o Pe. José Alves celebrou uma Santa Missa. Após este ato o Revmo. Vigário Monsenhor Phirere de Albuquerque (que à época era o Presidente do Conselho de Povo), proferiu um tocante alocução mostrando as vantagens e os benefícios da caridade. Terminou conclamando o povo a "não se envergonhar de trilhar tal trilha, continuando a coadjuvar no custeio do asilo, sendo em dinheiro ou mantimentos que seriam distribuídos em gêneros alimentícios pelos menos privilegiados", esperando que seu justo auxílio jamais lhes seriam cortado por todos.

Ainda naquela tarde, entre as demais comissões, a instituição adquiriu a farmácia de propriedade do Sr. José Alves de Andrade, que passou a ser conhecida como "Farmácia da Santa Casa". Foi um grande progresso porque tinha remédios de receita.

Em abril de 1939, e sob as bênçãos do Pe. Luciano Tobar, foram inauguradas as novas salas de operações, esterilização e uma enfermaria masculina. Estas obras, vinte anos depois de sua inauguração. Esta grande reforma foi feita graças aos recursos do povo e dos padres Melo e Resende.



DE LÁ PARA CÁ O ASILO DE CARIDADE NÃO PAROU DE PROGREDIR, O QUE COMEÇA SOB AS BÊNÇÃOS DO SENHOR E COM IDEALISMO TERÁ FORÇA PARA SEMPRE.

Em 1943 a equipe médica da Santa Casa de Bom Sucesso era composta pelos doutores Waldemar Augusto de Oliveira, Libério Soares, João Teixeira de Miranda, Bento de Oliveira Castanheira e Olavo Landares e as Irmãs que os assistiam.

UMA NOVA ERA TRAZIDA PELO DESTINO



O cirurgião do interior, mesmo não tendo os recursos tecnológicos disponíveis nos grandes centros, tem a mesma responsabilidade, com uma peculiaridade especial: a de não cometer falhas. É o que sempre resultou em êxito nas ações deste bisturi.

Como todas as ações de Deus, o destino é sempre a grande surpresa.

E foi vinte e sete anos depois de sua inauguração, que pelas portas da Santa Casa de Bom Sucesso entrou o jovem médico Ary Alves de Carvalho, que trazia em sua bagagem um microscópio e o material mínimo necessário para exames complementares e pequenas emergências, além de conhecimento associado a uma habilidade fantástica, aprendidos com o professor Baeta Viana e o mestre Borges da Costa. O sacerdócio da medicina, esquecido no passado, foi dedicado com equidade a pobres, ricos, amigos e também aos perseguidores. O consultório superlotado de pessoas, às vezes chegava a atender 50 pacientes em um só dia, sempre com êxito nos resultados. O seu nome que sempre foi lembrado nas horas de dor, desespero, aflição e angústia é o mesmo que foi escolhido pela Escola de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, que em solenidade, o concedeu o título de Cirurgião do Interior.

RECONHECIMENTO, GRATIDÃO



Dr. Ary Alves Carvalho, ao centro com a esposa D. Célia Gonçalves Carvalho e irmã Beatriz. Do lado direito o Dr. Libério Soares e as pessoas que à época compunham o corpo de funcionários da Santa Casa

Para falar da sua vida profissional teria que estar disposto a escrever um livro de centenas de páginas, mas nos limitamos a fazer este pequeno resumo, para exemplo das novas gerações cujo amor estejam na dedicação de causas justas.

Indicam ambas estas palavras a memória do benefício recebido; porém reconhecimento só dá a conhecer que não se esquece, e se confessa; e gratidão exprime o sentimento habitual que nos inclina a dar graças pelo bem que nos fez.

Uma alma sensível não se contenta com ser reconhecida, quer ser grata; o reconhecimento só lhe desperta a ideia de benefício, e gratidão aviva-lhe a lembrança do benfeitor. – O reconhecimento paga benefício com benefício; a gratidão conserva a doce lembrança duma boa ação com vivo sentimento de carinho para com a pessoa que lhe fez bem.

***Merenti gratias agere facile est
(É fácil manifestar gratidão a quem merece – Panegiricus)***

O RECONHECIMENTO VEM DE FORA PARA DENTRO

"A homenagem que o notável professor Alcindo Lázaro da Silva e os senhores me prestam, eu a transiro para a nossa antiga Escola de Medicina e aos meus mestres, dentre eles os professores Borges da Costa e Baeta Viana. Com o professor Borges da Costa, ainda interno no então Instituto Radium, eu aprendi a técnica e a tática cirúrgica que me orientaram durante toda a minha vida de cirurgião. O professor Baeta Viana me despertou o interesse pela pesquisa e pela cultura. Tanto assim, que ao iniciar minha profissão, numa pequena cidade do interior, comigo levei um microscópio e todo o material mínimo necessário para exames complementares aprendidos com aquele mestre. Para manter-me atualizado, comecei a assinar revistas, como *Surgical Gynecology and Obstetric*, *American Practitioner*, *La Prensa Médica Argentina* e *La Presse Medicale*, porque a literatura brasileira, na época era muito escassa.

Para falar sobre minha vida cirúrgica devo fazer referência ao hospital onde iniciei meu trabalho onde até hoje é a anestesia que empregávamos. A pequena Santa Casa de Bom Sucesso era constituída por duas enfermarias e algumas salas. Hoje é um pequeno hospital geral com 65 leitos e toda a estrutura necessária para funcionamento nas áreas de urgências e emergências médicas, intervenções cirúrgicas e internações, além de uma ampla ala para obstetrícia e maternidade. Adultos operávamos com anestesia local e geral. Geral com éter em máscara de ombreada, para as intervenções menores e clorofórmio, bloqueio, raque e peridural nos casos mais complicados ou maiores."

IRMÃ BEATRIZ A COMPANHEIRA DE MUITOS ANOS NAS HORAS E NOS MOMENTOS DIFÍCEIS



Chegamos a operar com Thio mais Novocaína a 50% venoso, sempre oxigenados.

Mais tarde fizemos um treinamento com um anestesista, colega de turma, Dr. Othon Lourenço, de saudosa memória, adquirimos um aparelho Nacossul Circuito Fechado e transmitimos este aprendizado para uma enfermeira, Irmã Beatriz, que conosco trabalhou durante 18 anos. Em 1974, entregamos este serviço ao médico, Dr. Waldir Vicente Vieira, competente anestesista que está.

Praticamos toda cirurgia geral, abdominal: gastrectomia, das vias biliares, esplenectomias, ressecção de alças, apendicectomias, hérnias, colectomias e ano retais.

Ainda como cirurgia geral, efetuamos traqueostomias, amputações por traumatismos ou insuficiência vascular periférica, safenectomia, hidroceles e varicoceles.

O mais novo paciente que operamos foi um recém-nato com três horas de vida, com êxito, com enfocele com exteriorização de quase todo o delgado mais divertículo e aderências. Fizemos ressecção de alças e correção da enfocele.

Em 1946, com anestesia local, praticamos a primeira gastrectomia pela técnica de Reich Polyá, como fazia o Mestre Borges da Costa.

Naquela época começamos a usar em nossos operados com distensão abdominal, sonda nasogástrica.

Iniciamos também a Reid venosa, que antes era sub-cutânea e a fazer transfusões de sangue.

Em um trabalho lido na Jama, em 1946, empregamos pela primeira vez a penicilina iv, num caso de peritonite, com êxito, quando só se usava penicilina im.

Praticamos mastectomia e toda cirurgia ginecológica, tanto por via abdominal como por via baixa.

Quando iniciamos nosso trabalho, os partos eram realizados a domicílio por parteiras, às vezes por médicos, com grande número de óbitos de recém-natos e às vezes até maternos.

Aos poucos fomos educando os pacientes e os transferimos para a Santa Casa.

Em 1946 praticamos a primeira cesária.

Meus colegas começaram a aceitar nossa conduta e os casos de distocias (deslocamento prematuro de placenta), placenta prévia, eclâmpsia, hemorragias pré, per e pós-parto e casos de sofrimento fetal começaram ser resolvidos.

Atendemos em todas as áreas os mais diversificados casos, auxi-



Recém-nascida, em 1991, com apenas três horas de vida, submetida a longas horas de cirurgia onde teve quase todo o abdome refeito, pois ao nascer quase todas as vísceras estavam expostas – Hoje ela deve estar com 10 anos de idade. Pelo tamanho da ampola de injeção pode-se notar quão pequenina era a menina

liado por uma equipe de colegas competentes e atuantes, complementado pela estrutura de nosso hospital, principalmente pelo laboratório de pesquisas que muito nos enriquece pela qualidade dos exames ali realizados. Por várias vezes fizemos diálise peritonial.

Relatar minha vida de médico e cirurgião do interior é como revivê-la quando tenho 53 anos de trabalho estudando e aprendendo. Os méritos desta homenagem também eu os dedico a minha cara esposa, porque sem a sua ajuda e sua abnegação eu não teria a consagração deste título que ora me outorgam e tanto me honra."

(Palavras proferidas pelo Dr. Ary Alves Carvalho, durante a homenagem que recebeu no auditório da Faculdade de Medicina da UFMG, quando foi escolhido o Cirurgião do Interior em 1996)

O OBJETIVO DESTA É DEMONSTRAR PARA AS NOVAS GERAÇÕES OS VALORES DE NOSSA TERRA, QUE TEVE SUA MOLA PROPULSORA RESULTANTE DE LUTA, TRABALHO E UNIÃO DO POVO BONSUCESSENSE E DAQUELES QUE DECLARARAM AMOR POR ESTA TERRA, QUE JÁ CHEGOU A SER CHAMADA "TERRA DO TINHA", APÓS TER PERDIDO OS OBJETIVOS QUE ESTAVAM INSERIDOS NAS ASPIRAÇÕES DOS SEUS IDEALIZADORES E BENFEITORES, QUE COMPREENDIA-SE NO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO PARA UMA QUALIDADE DE VIDA MELHOR E MAIS DIGNA PARA TODOS.

INFELIZMENTE A CIDADE QUE HÁ MUITOS ANOS NÃO ASSISTE À INAUGURAÇÃO DE UMA OBRA SEQUER, CONTINUA PERDENDO O QUE TEM: DESTA VEZ É A COMARCA, QUE, COM O DESMEMBRAMENTO DOS MUNICÍPIOS DE SANTO ANTÔNIO DO AMPARO QUE CRIA A PRÓPRIA COMARCA E SÃO TIAGO QUE PASSA A PERTENCER A SÃO JOÃO DEL REI, CERTAMENTE ESTÁ DEIXANDO A RELEVANTE IMPORTÂNCIA QUE TEVE POR MUITOS E MUITOS ANOS.



EM “PÁTRIA”, JUNQUEIRO DEIXOU REGISTRADO NAS ANOTAÇÕES, QUE:

“As pátrias, como os indivíduos, só se regeneram sofrendo. A dor é salvadora.

Não há virtude sem martírio, não há Cristo sem cruz. A procela avigora o roble, e o ferro candente adquire a têmpera, mergulhando-o em gelo. Quando a desgraça parece matar uma nação, é que tal nação estava morta.

O cáustico, que levantou o doente, decompõe o cadáver.”

EM “LÍRICAS”, LUIZ DE CAMÕES REGISTRA COM O DESTAQUE:

“Ao desconcerto do mundo”

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
O bem tão mau ordenado,
Fui mau, mas fui castigado.
Assim que só para mim
Anda o mundo concertado.

O HERÓI, O ARTISTA, O FILÓSOFO

(De autor desconhecido)

Os grandes homens sobre-humanizam o homem, exaltam a existência, criam espírito, desvendam mistério, tocam no âmago do ser. Augustos e luminosos, caminham à frente da evolução, na marcha do mundo para Deus. Quem é Deus? Ideal perfeito realizado; vida infinita, infinito amor.

Os grandes homens avançam para Deus, não isolando-se e afastando os olhos das misérias da terra, mas levando piedosamente no coração todos os gemidos da humanidade e todas as angústias da natureza. Os seus passos de luz, sulcando a noite, conduzem como um rebanho, na viagem eterna, a caravana infinda. Quando sobem ajudam, progredem dando a mão, libertam-se libertando.

Eu chamo grandes homens os grandes heróis, os grandes artistas, os grandes filósofos, os responsáveis por grandes mudanças nos destinos da humanidade.

O sacrifício ao bem, na ação e pela ação, eis a norma do herói. Sacrifício da alma, recolhendo com ardor contínuo as dores alheias; e sacrifício do corpo, imolando-lhes para as consolar a própria vida. Os soluços sem termo da miséria do mundo ecoam-lhe no coração como ais de filhos. Dá à vida pela vida dos outros; mas a morte da carne em holocausto ao Bem acresce-lhe a vida verdadeira, aumenta-lhe a vida espiritual. O grau de amor é o grau de heroísmo. O herói máximo é o santo, e S. Francisco d'Assis é o super-homem. O grande artista não iguala o santo, mas aproxima-se dele. O artista, criando beleza, cria amor, porque a beleza é a expressão rítmica do bem; é o amor a cantar, na forma e no som, no verbo e na luz. A arte idealiza, portanto gera amor: O herói também. Mas o herói dá-nos o amor em ações, converte-o em pão espiritual, que vai dividindo pela terra. O artista, não. Faz dele um diamante omnífero de luz e de som, que é amor a vibrar, amor em sinfonia, amor no estado de beleza. Mas, se o universo é amor infinito, a arte suprema, que o abrange, é a arte cósmica e religiosa. E então a arte ideal define-se deste modo: a natureza traduzida em cântico; Deus, que se ouve e que se vê, revelado em música.

A filosofia é a socióloga do universo, a história ordenada dos encadeamentos da existência, da evolução do amor. E, como a vida da natureza só chega à síntese na ideia de Deus, é claro que o santo ou o grande poeta conhecem melhor a vida do que o filósofo, pois que eles são a vida espontânea e criadora, na escala mais alta e no estado nascente.

A vida vertiginosa, tumultuosa, entrelaçada, contínua, patética, infinita; a vida latejante de seiva incubada de sonho, fulva de luz, cheia de espantos ebria de beijos, trêmula de morte e grávida de amor; a vida eterna, divina e formidável, que nasce da vontade e da emoção, aparece na obra do filósofo descrita por cálculos, ordenada por argumentos e por ideias. A virtude do santo sublimiza-se no êxtase e na benção, e a inspiração do poeta magnifica-a na música e no símbolo. Um reza, outro canta. O filósofo observa e medita. É um espelho que pensa. E a filosofia integral, como a arte suprema, será também religiosa, porque só em Deus, infinito amor, a vida encontra a sua unidade e a clara explicação do seu mistério. Todas as grandes almas, bússolas radiantes, se polarizam em Deus.

“

Mas pode, límpida e sublime,
caindo sobre um grande crime
Uma palavra de perdão!

”

O PROGRESSO NÃO PARA

“A benção de mais este empreendimento em nossa Santa Casa nos alegra e envaidece.

Orgulha e robustece em meu espírito a crença de que conseguimos realizar dentro da mais sublime das profissões – a medicina. Agradeço as palavras amigas dos Srs. Oradores – agradeço aos colegas que comigo, aqui trabalham – agradeço a diretoria da Santa Casa e da Fundação, aos funcionários desde o mais graduado ao mais simples.

Quando aqui, iniciamos nosso trabalho, pequena e modesta era a Santa Casa idealizada e construída por uma plêiade de homens probos e honestos: Joaquim Gonçalves dos Santos, Pedro Ivo M. Morato, Antônio Pinto Maromba, Políbio Mourão, Antônio Martins Soares, Antônio Yankous e outros.

Com a ajuda do Cel. Benjamim Guimarães Filho e do Dr. Hélio Garcia, então governador do Estado, conseguimos ampliar, modificar e modernizar nossa Santa Casa.

Hoje a Santa Casa e a Fundação que criamos são o espelho e a vitrine de minha vida, onde operando, trabalhando e construindo, conseguimos uma das maiores virtudes de nossa profissão: dar alento aos que desta casa e de nós necessitam.

Para parabenizar esta solenidade convidamos a Sra. Nely Vieira Resende, esposa do Sr. Altamiro Resende dos Santos, que há anos com denodo e sem peias vem dirigindo a Santa Casa.

Convidamos a vereadora Telma Breijão Vieira, esposa do nosso colega Dr. Waldir Vicente Vieira, que há mais de vinte anos conosco trabalha, sem nunca ter negado seu auxílio.

Convido também a minha esposa Célia, porque sem sua humildade, abnegação, compreensão e sua recusa ao conforto que tem direito, não teria eu realizado este grande ideal, em benefício dos que sofrem.

Bendito o ideal”

(Palavras do Dr. Ary Alves Carvalho em recente inauguração de mais uma obra empreendida face as necessidades de ampliação do prédio da Santa Casa de Bom Sucesso)

Nossos agradecimentos aos colaboradores:

Vereadora Telma Vieira – Prof. Vilma Fonseca – D. Ceni-ra Monteiro – José Ferreira Lovato – José Pinto de Almeida Júnior – Farmácia Pádua – W e T Variedades – José de Faria Bertoli – Casa de Carnes Tião Braga – Mozart Pereira (Oficina Mecânica) – Produtos Naluça – Alceu de Oliveira – Supermercado Fernandão – Casa Silva – Bar e Restaurante Irmãos Alvim – Produtos Naluça – Dr. Gilson Bastos Leite Júnior – Dr. Mauro Soares Barni

As informações contidas nesta obra foram extraídas do livro de atas e da fundação do Asilo de Caridade (Santa Casa) de Bom Sucesso e de fatos narrados por conterrâneos e histórias da cidade.

Pesquisa e texto: Antenor Gonçalves Filho

FESTA DE JULHO: RELIGIOSIDADE, PERTENCIMENTO, IDENTIDADE E CULTURA

Historicamente, as comunidades brasileiras, especialmente as de tradição católica, sempre atribuíram grande importância à comemoração do dia do padroeiro ou da padroeira. Essas festividades não se restringiam ao aspecto religioso, mas constituíam verdadeiros marcos sociais e culturais, promovendo a reunião da população em torno de um ideal comum. Era um momento propício para fortalecer os laços comunitários, receber visitas, reencontrar familiares e amigos — seja em casa, seja no Largo da Matriz —, partilhar a vida, conviver, compartilhar e celebrar as amizades e a religiosidade em torno do padroeiro. Aqueles que se empenhavam para estar presentes nessas ocasiões vivenciavam essa experiência de forma intensa, cultivando o desejo de, no ano seguinte, estarem reunidos novamente. Era como uma renovação da amizade e da fé.



Em São Tiago, parte dessa tradição é preservada há gerações. O dia do padroeiro, Senhor São Tiago, celebrado em 25 de julho, é a principal festividade religiosa do calendário local, mesmo antes da emancipação política do município. A devoção ao padroeiro consolidou-se como uma referência espiritual e cultural, unindo o povo em torno da fé cristã e da identidade local.

A Praça da Matriz, antigamente conhecida como “Largo”, tornava-se o principal ponto dos festejos. Era ali, e também nas ruas próximas, que aconteciam os “passeios”, as sessões no Cine Odeon, os bailes no clube, na “Garagem” e nos simples bares da época. Pessoas vinham das comunidades rurais trazendo latas de biscoitos, carne conservada na gordura, frutas, verduras, colchões e roupas novas para aproveitar os dias de festa. Chegavam a pé, a cavalo, em carros de bois e, mais tarde, de automóvel. Aqueles que não tinham residência na cidade hospedavam-se na casa de parentes ou amigos, ou alugavam casas para vivenciar intensamente esse tempo especial. Também vinham visitantes de cidades vizinhas.

Atualmente, embora existam outros festejos religiosos e eventos sociais e culturais, grande parte da população ainda valoriza a festa religiosa do padroeiro como o momento mais significativo do ano.

Tendo o distrito sido elevado à categoria de município por meio da Lei Estadual de 28 de dezembro de 1948, a instalação oficial de São Tiago ocorreu em 1º de janeiro de 1949. Ainda assim, a data de 25 de julho permaneceu como o principal marco comemorativo, por ser o dia do padroeiro e, simbolicamente, o aniversário da cidade. A consagração definitiva do dia de São Tiago como feriado municipal deu-se por meio da Lei Municipal nº 75, de outubro de 1950, sancionada pelo então primeiro prefeito, Joaquim Vivas da Mata. O artigo 1º da referida lei instituiu que, a partir de 1951, o dia 25 de julho passaria a ser considerado feriado municipal, sendo também reconhecido oficialmente como o dia da cidade.

A celebração do padroeiro passou a incorporar também o caráter cívico da fundação de São Tiago como município autônomo, marcando uma fusão simbólica entre fé e o marco de instalação do município.

Muitos anos depois, com a regulamentação dos feriados religiosos no Brasil, o município de São Tiago adequou-se à legislação federal. Durante o mandato do prefeito Raul Wilson da Mata, por meio da Lei Municipal nº. 447 e em conformidade com o Decreto Federal nº. 86, de 27 de dezembro de 1967, foram instituídos os feriados religiosos locais: Sexta-feira da Paixão, 25 de julho (Dia do Padroeiro), 15 de agosto (Assunção de Nossa Senhora) e 8 de dezembro (Imaculada Conceição).

Durante a gestão do prefeito Guido Dirceu Reis, decidiu-se separar as comemorações religiosas das cívicas. Com isso, a celebração do aniversário de emancipação político-administrativa do município passou a ser realizada no dia 26 de julho. Essa reorganização permitiu que ambas as datas ganhassem visibilidade e fossem celebradas com a devida importância: o dia 25 passou a ser exclusivo do padroeiro, Senhor São Tiago, e o dia 26, ao aniversário de emancipação, celebrando as conquistas do município.

Em determinada época, o mês de julho — por coincidir com o período de férias escolares e o recesso de trabalho para muitos — transformou-se em um período de intenso movimento na cidade. As festividades atraíam visitantes de outras localidades, assim como são-tiaguenses ausentes, que retornavam à terra natal para reencontrar amigos e familiares.

Durante os anos 1980 e até o final da década de 1990, a Praça se enchia de barracas; havia shows, bailes nos clubes, encontros diversos. Com o tempo, o movimento das barracas foi transferido para o bairro Cerrado — especificamente para a Praça São Vicente de Paulo e o Campo do Tupinambás —, afastando-se do núcleo central da festa, onde se concentravam os shows e os eventos religiosos.

Em 2022, durante o mandato do prefeito Alexandre Nonato Almeida Vivas, as barraquinhas retornaram à Praça, resgatando o espírito de antigamente e reunindo novamente os elementos da Festa de Julho em seu espaço tradicional. Outros eventos surgiram ao longo do tempo, mas a Festa de Julho continua ocupando um lugar de destaque e importância na memória e no coração da maioria do povo são-tiaguense.



Após o novenário, o dia de São Tiago representa o ponto alto das celebrações. À noite, realiza-se a tradicional procissão pelas ruas da região central da cidade, acompanhada pela banda de música, pela oração do terço e pela participação dos fiéis com velas acesas, criando um cenário de profunda espiritualidade. Em tempos passados, a chegada do andor do padroeiro era anunciada com muitos fogos de artifício, intensificando a emoção e os vivas do povo. Durante o cortejo, a imagem do santo é carregada com devoção, enquanto a população canta, louva e agradece num gesto coletivo de fé e comunhão. Ao final, como manda a tradição, o chapéu do padroeiro é colocado sobre os fiéis e visitantes, simbolizando a gratidão por mais um ano de celebração, a graça de participarem desse momento tão especial e o pedido por novas bênçãos.

Durante o paróquio do Pe. José Geraldo e do Pe. Lúcio, um dos principais shows da noite no dia do padroeiro era realizado por bandas ou cantores religiosos. Posteriormente, essa tradição deu lugar a apresentações de bandas seculares.

Também vale destacar que foi durante o paróquio do Pe. Lúcio que teve início a tradicional virada para o dia do padroeiro, celebrada à meia-noite do dia 24 de julho, com orações e o hino de São Tiago cantado na porta da igreja. A programação tem início cerca de 20 minutos antes da meia-noite. Nesse momento, o show faz uma pausa: o padre sobe ao palco, dirige palavras e orações ao público, enquanto o coral entoa cânticos que criam um ambiente de recolhimento e preparação espiritual.

À meia-noite em ponto, os sinos começam a tocar, e a imagem de São Tiago, em seu andor ricamente ornamentado, é trazida para fora da igreja. É recebida com palmas, emoção e grande alegria. O padre então profere algumas palavras e concede a primeira bênção do dia 25 de julho. Em seguida, a imagem percorre o meio do povo, que a acompanha com fé e entusiasmo até o Edifício São José, encerrando esse momento tão especial.

Antes do dia do padroeiro, realizam-se também a celebração festiva e a procissão em honra a São Cristóvão, que conta com ampla participação da comunidade. Vale lembrar que, em tempos passados, durante o mês de julho, na época do Monsenhor Eloi, também se celebrava, no dia 26, Nossa Senhora Aparecida. Já a co-padroeira, Senhora Sant’Ana, passou a ser incluída oficialmente na programação a partir do final da década de 1990.

Por muitos anos, ao amanhecer, realizava-se a alvorada, executada pelos músicos da Lira da Imaculada Conceição, que percorriam as ruas em um caminhão, anunciando o novo dia com sua bela orquestra. Atualmente, essa tradição não é mais realizada devido a preocupações com a segurança dos músicos.

Após as celebrações religiosas, um dos destaques é a venda de comidas típicas na barraca da paróquia, implantada em 1999. Com o passar dos anos, esse espaço se tornou um importante ponto de encontro para os fiéis e visitantes. Além da barraca de alimentos, há também as tradicionais barracas de leilões e vispoira, costume trazido da trezena de Santo Antônio do Cerrado e incorporado a parte social do novenário de São Tiago.

Entre os festejos religiosos, é montado ao lado da Igreja Matriz um grande palco, onde a Prefeitura Municipal promove uma programação cultural com apresentações de bandas, cantores e, eventualmente, show de calouros organizado pelo Centro Artístico e Cultural. Em alguns anos, há encontro de bandas.

Em outras edições, o evento já contou com festivais culturais mais amplos, com apresentações de teatro, exposições de artesanato e até festival de chope.

No dia seguinte, 26 de julho, pela manhã, a cidade celebra sua emancipação política e administrativa com uma missa solene na Igreja Matriz, que conta com a presença das autoridades municipais. Após a missa, realiza-se o hasteamento das bandeiras, seguido da execução do Hino Nacional e de canções apresentadas pela Lira da Imaculada Conceição. À noite, dentro da programação oficial, é cantado o tradicional “Parabéns”, em um momento de confraternização e alegria popular. Assim, o mês de julho se encerra como um dos períodos mais significativos do ano para o povo de São Tiago — uma síntese de fé, história, orgulho e cultura dessa terra mineira.

SÃO TIAGO, 76 ANOS DE HISTÓRIA E TRADIÇÃO

Setenta e seis anos contam a tua história,
São Tiago, doce encanto de Minas, viva memória.
Na Praça da Matriz pulsa teu coração,
Ali se encontram amores, amigos, batuque e canção.

Nas calmas ruas ecoa o cheiro dos fornos acesos,
Cerca de oitenta fábricas, com seus gestos precisos e coesos.
Biscoito que nasce do afeto, da receita e da mão,
Gerando trabalho, sustento, e orgulho ao coração.

Em cachoeiras, rios e trilhas, há beleza para te visitar.
Teus povoados são pétalas de uma flor em expansão:
Capão das Flores e Fundo da Mata, cheios de emoção.
Tatu, Patrimônio e Chapada com sua simplicidade pura,
Córrego Fundo, Jacaré e Cajengá — beleza e ternura.

São Pedro da Carapuça e os Melos, tão ricos em tradição,
Germinal e Içara, pedacinhos do importante rincão.
Cada povo é verso teu, em prosa viva e sincera,
Que canta tua essência mineira, serena e verdadeira.

São Tiago, cidade de alma gigante,
Que adoça Minas com carinho vibrante.
Parabéns pelos anos, pela gente, pelo chão,
E que venham muitos mais — com fé, biscoito e coração!

Fernando de Castro Campos

O JEITO MINEIRO DE FAZER MÚSICA ANDANDO: A CRIATIVIDADE DAS BANDAS DE MINAS GERAIS

Em Minas Gerais, as bandas de música são mais que uma tradição: são parte da alma de suas cidades, distritos e povoados. Desde o século XIX, essas formações, compostas por sopros, percussões e muito entusiasmo, animam procissões, festas religiosas, desfiles cívicos, eventos comunitários e sociais. Cada nota tocada carrega consigo o peso da história, do orgulho local e de uma musicalidade passada de geração em geração.

Nas tradicionais bandas de música de Minas Gerais, há um costume curioso e engenhoso que chama a atenção de quem observa de perto a movimentação dos músicos durante procissões e desfiles religiosos: as partituras são presas com pregadores nas costas dos músicos que vão à frente na fila.

Essa prática, que pode parecer improvisada à primeira vista, na verdade, revela a adaptação prática a uma rotina marcada por movimento constante, mudanças de repertório e, muitas vezes, a ausência de estrutura ideal, como iluminação adequada. A cada pausa ou intervalo durante a procissão, é anunciada a próxima música a ser tocada. Rapidamente, os músicos fazem a troca das partituras, repassando os pregadores e ajustando os papéis nas costas dos colegas da frente, como se fosse um ritual já automatizado pela experiência.

Apesar de já ter acontecido com praticamente todo músico da banda o incidente das partituras caírem no chão, especialmente em ruas de paralelepípedo, com vento ou agitação, mas o método continua sendo preferido por muitos. Ele oferece uma leitura direta e acessível da partitura, mesmo em movimento, além de representar uma forma de segurança: na maioria das vezes, os músicos já conhecem de memória grande parte do repertório. Assim, mesmo quando a luz é pouca ou a partitura é dobrada pelo vento, a música não para.

Esse hábito revela não apenas a criatividade mineira, mas

também a paixão e o comprometimento com a música. É uma solução simples e eficiente, que mantém viva a tradição das bandas de rua e fortalece o sentimento de coletividade e improviso tão característico da cultura musical mineira.

Em Minas, a música das bandas, ou mesmo das liras, não é apenas tocada — ela é sentida, ouvida, vivida e capaz de emocionar. E, às vezes, em seu percurso, usa-se um pregador de roupa, uma boa risada e uma história inesquecível para contar depois.

Fernando de Castro Campos





A 1ª Aparição Mariana e o Filho do Trovão

Essa é a história de São Tiago, o Maior, e dos ícones que marcaram seu caminho

Por Mateus Leonardi Redivo



Basilica de Nossa Senhora do Pilar e o rio Ebro em Zaragoza, Espanha

Um estrangeiro descansava pensativo às margens do rio Ebro em Zaragoza, Hispânia, quando uma mulher "toda branca e transparente, com um brilho mais belo e suave que o da seda"¹ apareceu carregada por anjos em cima de uma coluna.

O estrangeiro era o galileu Tiago, apóstolo de Jesus. A mulher, Maria, mãe de Deus.

Reconhecido pela Igreja como a PRIMEIRA APARIÇÃO MARIANA, o encontro aconteceu em 40dC, quando Nossa Senhora ainda vivia neste mundo, mais precisamente em Éfeso, atual Turquia, com João Batista, irmão de Tiago. Os dois foram apelidados de FILHOS DO TROVÃO pelo próprio Cristo (Mc 3,17), num episódio (Lc 9,54) que evidenciou suas personalidades fortes e intempestivas:

"Quando ia se completando o tempo para ser elevado ao céu, Jesus tomou a firme decisão de partir para Jerusalém. Enviou então mensageiros à sua frente, que se puseram a caminho e entraram num povoado de samaritanos (...). Mas os samaritanos não o queriam receber, porque mostrava estar indo para Jerusalém. Vendo isso, os discípulos Tiago e João disseram: – Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para que os destrua? Ele, porém, voltou-se e os repreendeu. E partiram para outro povoado".

Mas o que Tiago e Maria faziam ali, nos confins da Terra (At 1,8)? Ela havia bilocado-se² à cidade espanhola, distante 2.5 mil quilômetros de sua casa no Monte Rouxinol, para confortar o apóstolo do seu filho que passava por dificuldades. Ele estava na península Ibérica atendendo o último pedido de Jesus feito há sete anos, antes de elevar-se ao céu:

"Depois da sua paixão, Jesus (...) apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando do Reino de Deus (...). Então, os que estavam reunidos perguntaram a Jesus: – Senhor, é agora que vai restabelecer o Reino de Israel? Jesus respondeu: – Não cabe a vós saber os tempos ou momentos que o Pai determinou com sua autoridade. Mas recebereis o poder do Espírito Santo, que virá sobre vós para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra".

Jesus referia-se à noite de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos em forma de línguas de fogo, enchendo-os de sabedoria para pregarem a boa nova. E como a Hispânia, conquistada pelo Império Romano no século III aC, era o lugar mais distante conhecido pelo homem, Tiago não pensou duas vezes em seguir para lá converter pagãos³.

Jesus referia-se à noite de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos em forma de línguas de fogo, enchendo-os de sabedoria para pregarem a boa nova. E como a Hispânia, conquistada pelo Império Romano no século III aC, era o lugar mais distante conhecido pelo homem, Tiago não pensou duas vezes em seguir para lá converter pagãos³.

Escrito por Lucas, o Ato dos Apóstolos é a continuação do seu Evangelho, que narra os acontecimentos vividos pelos discípulos após a Paixão de Cristo como as primeiras conversões, concílios e viagens missionárias, menos a de Tiago. Por isso recorremos à tradição cristã, aos relatos da beata Anna Catarina Emmerich⁴ e de textos publicados nos sites ACI Digital, Canção Nova, Franciscanos e Wikipédia para afirmar que, ao lado de Pedro e Paulo, Tiago é um dos PILARES da nossa fé, pois sem o trabalho dele dificilmente criaríamos na Santíssima Trindade, nem teríamos o hábito de referendá-la toda vez que fizéssemos o sinal da cruz.

Maria sabia disso e, por isso, foi consolá-lo à beira do Ebro naquela noite de inverno europeu, quando o apóstolo lamuriava-se por ter fracassado em sua missão: até aquele momento havia convertido apenas sete pessoas. O bloqueiro Valdis Grinsteins explicou para a revista Catolicismo que a mãe de Deus "surgiu sobre um pilar dizendo-lhe que, no futuro, a fé daquele povo seria profunda e séria".

Hoje a Espanha é o oitavo país em número de católicos. México, Colômbia e Argentina, que foram colonizados pela nação ibérica, também estão entre os 10 primeiros.

Já Anna Catarina Emmerich relata que, após ver e conversar com Nossa Senhora, "Tiago, orando de joelhos, levantou os olhos e recebeu interiormente a ordem de, sem demora, construir um templo nesse lugar, em que a intercessão de Maria se firmasse como uma coluna". Re-

novado e sem perder tempo, o apóstolo chamou seus discípulos, que presenciaram a aparição de longe, para iniciar a construção do que futuramente seria um dos santuários mais importantes da Espanha. Mas falaremos dele depois, por quê...

ANTES

Vamos biografar o santo. Nascido em Betesda, na Galiléia, o filho de Zebedeu e Salomé era pescador tal como o pai e o irmão, João Evangelista, com quem trabalhava no Lago de Genezaré/Tiberíades. Assim como os também irmãos Pedro e André, os Filhos do Trovão foram os primeiros a largarem tudo para seguir Jesus (Mt 4,21).

Junto com Pedro, inclusive, eles formaram uma espécie de triunvirato apostólico ao participarem com exclusividade de algumas das passagens mais importantes da vida de Cristo como a transfiguração no Monte Tabor (Mt 17,1), a ressurreição da filha de Jairo em Cafarnaum (Lc 8,40-53) e a agonia no Horto das Oliveiras (Mc 14, 32):

"Seis dias depois, Jesus levou consigo PEDRO, TIAGO e JOÃO, seu irmão, e os fez subir a um lugar retirado, no alto de uma montanha. E foi transfigurado diante deles: seu rosto brilhou como o sol e suas roupas ficaram brancas como a luz. Nisto apareceram-lhes Moisés e Elias, conversando com Jesus (...). Ao descerem da montanha, Jesus recomendou-lhes: – Não faleis a ninguém desta visão, até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos".

"Quando Jesus voltou, a multidão foi recebê-lo (...). Veio, então, um homem chamado Jairo, um dos chefes da sinagoga, e caindo aos pés de Jesus pediu que fosse à sua casa. Sua única filha, de doze anos, estava nas últimas (...). Enquanto ainda falava, chegou alguém (...) dizendo: – Tua filha acaba de morrer. Não incomodes mais o mestre. Ouvindo isso Jesus lhe disse: – Não tenhas medo. Somente crê e ela será curada. Quando chegaram à casa, não deixou ninguém entrar com ele a não ser PEDRO, TIAGO, JOÃO e o pai e a mãe da menina".

"Chegaram a uma propriedade chamada Getsêmani. Jesus disse aos discípulos: – Sentai-vos aqui enquanto eu vou orar. Levou consigo PEDRO, TIAGO e JOÃO, e começou a sentir pavor e angústia. Jesus, então, disse-lhes: – Sinto uma tristeza mortal! Fica aqui e vigiai".

O senso é comum e as escrituras comprovam a preferência de Cristo pelos três pescadores, primeiro de peixes, depois de homens. Pedro seria o primeiro Papa da Igreja (Mt 16,18); João Evangelista, o caçula, receberia a incumbência de cuidar de Maria (Jo 19,26-27) e Tiago, que teve o adjetivo MAIOR adicionado ao nome para diferenciá-lo do apóstolo homônimo, e Menor, voluntariamente se para levar "o caminho, a verdade e a vida" aos confins da Terra.

DEPOIS

Assim que construiu os alicerces da capela dedicada à aparição em Zaragoza, Tiago deixou que seus discípulos concluíssem a obra e partiu para Jerusalém, também a pedido de Maria, onde cumpriria seu destino. E que destino! Ele foi o segundo cristão, depois de Santo Estêvão, a ser martirizado. Essa é a única morte de um apóstolo narrada na Bíblia (At 12,1-2).

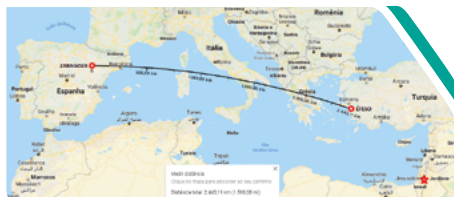
Sepultado nas proximidades da Cidade Santa, o corpo de Tiago foi levado por dois de seus discípulos à Galícia, no noroeste hispânico, onde o enterraram conforme sua vontade. A viagem, feita de barco, começou no porto de Jafa – que atualmente é um bairro de Tel Aviv –, contornou o Mediterrâneo e a atual costa portuguesa até chegar ao local onde, tempos depois, sua tumba seria descoberta e um centro de peregrinação mundial fundado.

HOJE

Atualmente Santiago de Compostela é o terceiro destino católico mais visitado do mundo depois de Roma e Jerusalém. Sua importância cresceu na Idade Média, quando a Terra Santa foi tomada pelos sarracenos, impossibilitando a peregrinação cristã ao local. Zaragoza, por sua vez, é uma espécie de Aparecida espanhola, pois "ambas" as santas se mostraram em um rio e são lembradas no dia 12 de outubro, além de serem padroeiras de seus respectivos países.



Catedral de Santiago de Compostela



Jesus (...) apareceu-lhes por um período de quarenta dias falando do Reino de Deus (...). Então, os que estavam reunidos perguntaram a Jesus: – Senhor, é agora que vai restabelecer o Reino de Israel? Jesus respondeu: – Não cabe a vós saber os tempos ou momentos que o Pai determinou com sua autoridade. Mas recebereis o poder do Espírito Santo, que virá sobre vós para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da Terra".

Jesus referia-se à noite de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos em forma de línguas de fogo, enchendo-os de sabedoria para pregarem a boa nova. E como a Hispânia, conquistada pelo Império Romano no século III aC, era o lugar mais distante conhecido pelo homem, Tiago não pensou duas vezes em seguir para lá converter pagãos³.

Jesus referia-se à noite de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos em forma de línguas de fogo, enchendo-os de sabedoria para pregarem a boa nova. E como a Hispânia, conquistada pelo Império Romano no século III aC, era o lugar mais distante conhecido pelo homem, Tiago não pensou duas vezes em seguir para lá converter pagãos³.

Escrito por Lucas, o Ato dos Apóstolos é a continuação do seu Evangelho, que narra os acontecimentos vividos pelos discípulos após a Paixão de Cristo como as primeiras conversões, concílios e viagens missionárias, menos a de Tiago. Por isso recorremos à tradição cristã, aos relatos da beata Anna Catarina Emmerich⁴ e de textos publicados nos sites ACI Digital, Canção Nova, Franciscanos e Wikipédia para afirmar que, ao lado de Pedro e Paulo, Tiago é um dos PILARES da nossa fé, pois sem o trabalho dele dificilmente criaríamos na Santíssima Trindade, nem teríamos o hábito de referendá-la toda vez que fizéssemos o sinal da cruz.

Maria sabia disso e, por isso, foi consolá-lo à beira do Ebro naquela noite de inverno europeu, quando o apóstolo lamuriava-se por ter fracassado em sua missão: até aquele momento havia convertido apenas sete pessoas. O bloqueiro Valdis Grinsteins explicou para a revista Catolicismo que a mãe de Deus "surgiu sobre um pilar dizendo-lhe que, no futuro, a fé daquele povo seria profunda e séria".

Hoje a Espanha é o oitavo país em número de católicos. México, Colômbia e Argentina, que foram colonizados pela nação ibérica, também estão entre os 10 primeiros.

Já Anna Catarina Emmerich relata que, após ver e conversar com Nossa Senhora, "Tiago, orando de joelhos, levantou os olhos e recebeu interiormente a ordem de, sem demora, construir um templo nesse lugar, em que a intercessão de Maria se firmasse como uma coluna". Re-



A Basilica de Nossa Senhora do Pilar foi erguida ao redor da coluna de Maria



¹ Relato da beata Anna Catarina Emmerich. / ² Presença simultânea em dois lugares distintos. / ³ Aqueles que não foram batizados. / ⁴ Freira agostiniana que viveu nos séculos XVIII e XIX, Anna Catarina teve visões de Jesus e Maria durante toda sua vida, que ajudaram, inclusive, a descobrir lugares santos como a casa de Nossa Senhora em Éfeso. Ela foi beatificada pelo Papa São João Paulo II em 2004.

AO PÉ DA FOGUEIRA



A LUA "CERTA" ...

Era daqueles trabalhadores, meados do século passado, que não enjeitava serviço, por mais pesado ou insalubre. Bem... Isso quando ele estava no ponto, no perfeito juízo, com os parafusos ajustados. Aceitava trabalho em olarias, pedreiras, destoca de brejos, atividades comuns à sua época, a que muitos recusavam. Com chibanca, enxadão, marreta, algumas de confecção artesanal (até de 12, 15 quilos, o que espantava a todos) ao ombro e à mão, "pegava" empreitada para arrancar blocos de pedras, por mais desconvenientes, destinados à construção, em pedreiras da região, tempos em que não havia cimento, brita e os alicerces eram erguidos com pedras maciças. Os monólitos eram levados das pedreiras até o local da edificação, arrastados por juntas de bois em grossas correntes. Mais tarde apareceriam os caminhões e tratores. Serviço direto de terça até sábado, trabalhando enquanto tinha sol ou qualquer luminosidade – o luar, uma lamparina a querosene, uma fogueira improvisada.

Tinha ele um peculiar, porém. Um hábito sagrado e consagrado. Não trabalhava às 2^{as} feiras. Emendava ou melhor duplicava o domingo, entregando-se à bebedeira, ao porre descontrolado por bares e ruas. Ou ainda, mesmo sóbrio, zanzando, vagando, ociosamente, pela cidade. Dizia ele estar "de lua" ou "na lua". Em certos períodos, emen-

dava a semana toda. Passava "a fase lunática" sem dormir, movimentando-se incontrolavelmente pelas ruas ou redondezas da cidade, variando de humor ora introspectivo, fora de foco, ora esfuziante, quando não irritante.

Os lavradores e ribeirinhos tinham, então – e ainda hoje – um calendário, com base nas estações lunares, para semeadura, colheita, abate de árvores. Só se cortava madeira ou se roçava pasto na minguante. Corte de cabelo e poda de planta na nova. Tubérculos, como mandioca, cará, inhame só se plantava igualmente na força da minguante, enquanto cereais e frutas na força da cheia ou nova.

Tinha respostas dúbias, extravagantes sobre sua mam-parra e indolência periódicas. Comprometera-se, certa vez, com um fazendeiro para arrancar grande quantidade de pedras, destinada à edificação de uma ponte. Não aparecera, não apresentara justificativa. Alguém – um vizinho do fazendeiro – encontra o trabalhador ali "aéreo", aparvalhado, em pleno meio de semana, à solta pela praça. Pergunta:

– Que surpresa, você por aqui... Não está trabalhando, não? E arremata: Não era dia de você estar na pedreira de São Joaquim, meu vizinho?

– Ah, não, a lua, por esses dias, não é boa para arrancar pedras...

Realização:



Apoio:

